

4 - O DIQUE COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO E MODIFICADOR DO ESPAÇO URBANO

4.1 “ela se esconde por trás de uma muralha, é uma cidade corajosa e cheia de esperança.”¹

As enchentes que assolaram a cidade nas décadas de 1970 – 1990 suscitaram estratégias para enfrentamento por parte dos moradores e uma providência definitiva por parte das autoridades. A resistência dos moradores frente ao fato da mudança da cidade culminou com a construção de uma barreira para a contenção das águas do rio Paraguai. Houve, por parte das autoridades Estaduais e Federais, a tentativa da realocação do centro urbano. Uma tentativa de mudar a orientação inicial no sentido de não construir a barreira de proteção e, sim, efetuar a transferência definitiva da cidade para um local mais elevado. O que ocorreu, no entanto, é que nas imediações não existia uma área adequada pra realocação com acesso direto ao rio. A opção era uma área distante 7 km do centro, das margens do rio.

Nessas condições, a realocação da cidade não seria aceita pela população que sempre viveu em função do rio, onde a grande maioria dos moradores possui embarcações destinadas à pesca, ao transporte para as fazendas e intercâmbio comercial com a vizinha cidade paraguaia, na margem oposta do rio. Se tal mudança fosse efetuada, mesmo a contragosto da população, essa ligação com o rio teria que ser feita através do ônibus. Para evitar o custo com o transporte, muitos moradores optariam por permanecer no local, às margens do rio, na aérea de inundação.

Após a visita do Ministro do Interior Mário Andreazza, em outubro de 1979, quando na ocorrência do primeiro deslocamento populacional, estudos efetuados por técnicos buscavam encontrar uma alternativa, ou seja, uma solução para o problema das inundações na cidade.

Ah! Então com a segunda enchente o Ministério do Interior do Governo Federal que estava sobre a direção (...) sobre a responsabilidade do Ministro Mario Davi Andreazza. O Ministério do Interior houve por bem fazer um estudo e proteger a cidade de futuras enchentes construindo um dique de proteção. Esse dique de contenção, diferente de muitas outras cidades brasileiras, ele circundou a cidade. Por que não havia outra forma de proteger a cidade se não houvesse uma circundação. Por quê? Porque a água do rio entra na parte continental pela parte sul da cidade então não tem, não tinha outra forma a não ser fazer uma muralha em volta da cidade. Essa muralha de terra prensada, terra em forma de pirâmide cortada. Uma pirâmide, toda muralha em volta da cidade tem o formato de uma pirâmide cortada no cume.²

¹ LEON, B., *Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense*, 1994, p. 21.

² Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

A proposta inicial seria o deslocamento do centro urbano para uma área mais elevada, contudo, como já citado, a resistência da mudança pelos moradores estava centrada em deixar as margens do rio e, também, nas dificuldades no abastecimento de água com a captação do rio Paraguai.

Aspecto de fundamental importância na tomada de decisão foi a questão econômica. Para os governos Estadual e Federal, os custos de uma transferência, da realocação de uma cidade, com a reimplantação de toda sua infraestrutura, são mais elevados que os correspondentes as obras de construção de uma barreira de proteção contra inundações. O custo, para a realocação da cidade, girava em torno de 990 milhões de cruzeiros, contra 450 milhões de cruzeiros referentes às obras contra as inundações. Tais estimativas foram efetuadas durante estudos pelo Ministério do Interior em novembro de 1980 e corrigidas, posteriormente, na execução da obra.³

No período que compreende 1970-1980, a cidade tinha uma rede de distribuição de água que correspondia a apenas 30% da extensão total das ruas do perímetro urbano.⁴ Não existia uma rede de esgoto sanitário, nem de águas pluviais. Adotava-se a fossa séptica ou ligações simples dos sanitários para os fundos de terrenos. Com as chuvas, os dejetos eram levados para as ruas, formando poças e uma proliferação de insetos constituintes de focos endêmicos.

A falta de recursos da prefeitura, a isenção de impostos aliada à baixa renda familiar da população, impossibilitava a resolução dos problemas de saneamento. Considerando que a indústria de tanino não recolhia tributos, gozando de um protecionismo que não era pertinente com suas possibilidades e com a precariedade dos recursos públicos locais.⁵

Como mencionado em capítulo anterior, o desenvolvimento da cidade foi possível face às circunstâncias oriundas de interesses econômicos, por volta de 1892, com a criação de um porto para o embarque da erva-mate, instalado por iniciativa do Dr. Antonio Correia da Costa, na Fazenda Três Barras, de propriedade do Major Boaventura da Mota. Sua implantação, desde o início, foi precária. Em meados da década de 1970 e início de 1980, devido à grande dimensão dos terrenos disponíveis e o alto custo das terras, as subdivisões, para construção de moradias, constituíam de lotes cercados por precárias cercas de carandá, sem conservação, acumulando detritos levados pelas águas. A aglomeração populacional se dava em 60% da área urbana e pequenas construções em áreas dispersas. A possibilidade de mudança deixa os moradores apreensivos e reticentes. Nesse período, a cidade enfrenta um alto índice de desemprego e uma estagnação

³ MINTER/DNOS. Relatório do projeto. Vol. I.

⁴ Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado - CONSPLAN. 1970. p 22

⁵ Idem, p. 23

econômica ocasionada pela crise na extração do tanino e a possibilidade do fechamento definitivo da Florestal Brasileira S.A.

A pequena cidade contava com uma atividade comercial restrita ao município. O quadro econômico era composto por 39 estabelecimentos varejistas e 10 prestadores de serviços diversos. Atendendo apenas à população urbana, visto que a massa de trabalhadores rurais não dispunha de renda suficiente para a aquisição de determinados bens e serviços, além do necessário para a subsistência. A unidade do exército ali estabelecida e constituía-se no fator dinâmico e contributivo, na medida em que patrocina promoções sociais e contribui mensalmente com uma parcela considerável da renda, através dos soldos pagos aos militares. (foto 12)

Conhecedores das suas dificuldades e dos limites de investimentos, os moradores hesitaram em deixar a cidade com suas ruas largas, mesmo sem calçamento, sem meio fio ou qualquer pavimentação. Onde as chuvas provocavam acúmulo de resíduos, e com uma limpeza pública realizada uma vez por semana, por tração animal. Quando nos dias quentes as ruas eram molhadas com carro pipa. A coleta de lixo e demais resíduos eram depositados em partes próximas as margens do rio Paraguai e mesmo no seu curso, a jusante.

A vida comunitária da cidade girava em torno de dois eixos específicos: a vida religiosa e esporte e a recreação. As atividades desenvolvidas pelas igrejas, uma católica, Evangélica e Assembleia de Deus abrangiam cerimônias religiosas e outras atividades de caráter social e recreativo. Malgrados os poucos recursos, vem realizando, gradativamente, no local, pequenas obras sociais, como um pomar, aquisição de brinquedos e melhoria no campo de futebol. Os dois clubes existentes na cidade realizam bailes com conjuntos musicais variados. O futebol e o cinema, com suas sessões semanais, servem de encontro para a população. O sistema de comunicação é precário e funciona por alto-falantes. Em meados de 1970, uma pequena livraria recebia o jornal *Diário da Serra* vindos da capital Campo Grande e revistas, como, *Cruzeiro* e *Manchete*, que, de acordo com alguns moradores, chegavam sempre atrasados pelas dificuldades de acesso à região.

O cotidiano desse pequeno centro urbano, na orla do Pantanal, seguia um ritmo gradual, sem maiores sobressaltos e estava estreitamente ligado ao meio ambiente. As ações cotidianas giravam em torno do banho de rio, da pesca, dos mutirões, dos encontros na frente das casas, que era mesmo uma extensão do interior das moradias porque todos se conheciam e a quietude do local e as imagens idílicas que se repetiam, afastavam, dos moradores, os “ruídos” comuns de centros urbanísticos mais estruturados.

O difícil acesso ao município, vinculado às condições do tráfego que fazia a ligação da sede do município a Jardim, MS, quando se formam os entroncamentos rodoviários de acesso às diversas localidades pela BR 267 e, para Campo Grande, não foi citado pelos

moradores como empecilho e, sim, como um mecanismo de manutenção da pequena cidade que dispunha de poucos recursos para investimento na sua infra-estrutura.

Foto 12 - Vista parcial da cidade na década de 1980



Fonte: Arquivo AGESUL

Como as enchentes, o dique construído para a contenção das águas do rio Paraguai, cuja obra se iniciou em 1982, com término em dezembro de 1984, veio para acrescentar às pessoas um fragmento a mais em suas memórias. A transformação do local alterou alguns costumes, que muito agradavam às pessoas e que, hoje, os levam para a praça do tereré, para rememorar esses momentos. A complexidade da mudança do ambiente coloca o entrevistado frente a uma significativa necessidade de compartilhar experiências e momentos vivenciados com outros indivíduos que, a partir deles, edificam e ressignificam suas memórias.

Nesse contexto, como historiadores, entendemos que quem guarda para si suas memórias, impede que ela se torne objeto da história, que, por sua vez, permite uma nova tessitura e análise das minudências dos fatos. Segregar memórias é segregar homens. E não basta apenas enumerar memórias, fatos ou acontecimentos, faz-se necessário entender que escrever sobre eles, em seu aspecto particular e peculiar, exige o comprometimento ético do historiador.

É pertinente ressaltar que, na condição de historiadores, escolhemos nossos objetos e neles adentramos a partir de uma consciência mais ou menos clara da posição histórica em que nos situamos. E, inversamente, assumimos posições específicas do nosso presente

à medida que, gradualmente, adquirimos uma determinada compreensão do nosso objeto, o que culmina na produção de um novo conhecimento histórico. A teoria é a bagagem que permite o entendimento e proporciona a explicação para a escritura do fato, para a construção da história pelo viés científico. Nesse processo de produção do conhecimento histórico, de acordo com Chaloub, não deve ser esquecido a dinâmica, o “movimento da história⁶.”

Gaddis, em *Paisagens da História*, escreve que o presente tem a característica de acontecer, e que o passado é algo que não “poderemos possuir”, isso posto, nós não podemos reviver o passado ou recuperá-lo, o que nos resta é a possibilidade de analisar esses fenômenos e suas fontes e “reapresentá-los [...] como uma paisagem próxima ou distante [...]” Isso também significa afirmar que, mesmo reapresentando, não teremos realmente toda a imagem dos fatos tal qual aconteceram, pois somos limitados por nossa concentração e sentidos.⁷ Nesse caso, o que pode fazer o historiador é “descobrir um equilíbrio⁸ que permita uma análise coerente dos fatos, apoiado por uma base teórica plausível. Fazemos esse exercício de busca de equilíbrio, ao escrever. Conhecedores das nossas limitações e não despidos de nossas subjetividades, adentramos nas vielas do tempo e das memórias dos nossos colaboradores.

Antes da construção do dique, as margens do rio eram, costumeiramente, utilizadas pelos moradores para pescaria, banho, lazer para as crianças. As margens do rio eram, amplamente, empregadas como atracadouro de embarcações.

Até a construção do dique, muitos eventos cívicos e públicos da cidade eram realizados na Avenida da Beira do rio, como muitos dizem. Concluída a construção, tudo mudou e o espaço foi lentamente invadido pelas águas. Em contato com alguns moradores, foi possível observar que a construção do dique trouxe mudanças significativas à paisagem local e uma nova preocupação para os moradores da região. Segundo eles, agora, para ver a água subir, precisa ir até à barranca do rio, em cima do dique. Mesmo sabendo que o dique traz segurança, existe uma desconfiança muito grande quando se trata de uma nova enchente, comparável a de 1982, ou como foi em 1988, quando o nível das águas superou a marca de 9,80 metros.

Na enchente de 1988, o dique de contenção de águas ocupa um lugar de destaque. Esse fato é assim relatado por Luiz Augusto Codorniz;

O dique é de total segurança, porque a enchente grande que fez surgir o dique foi a de [19]82. Em 1988 houve outra enchente, aí o dique já tava construído. Mas a cidade não foi evacuada não. A população ficou dentro

⁶ CHALOUB, S., *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, 1990, p.18.

⁷ GADDIS, J. L., *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*, 2003, p.17.

⁸ Idem p. 26.

do dique (...) é uma espécie de uma bacia rodeada de água, Não. É um ponto seco né. Eu mesmo fiquei aqui. Fiquei com a família.⁹

O senhor Firmo Luiz Fonseca, ao falar sobre o fato, destaca que:

A cidade estava protegida. Então houve uma enchente em 1988 essa foi braba. Também foi pior que a de [19]82 foi mais alta do que de [19]82, mas a cidade já estava protegida. Somente as fazendas tiveram maior problema. As fazendas tiveram maior problema com deslocamento do gado, etc e, segundo informações a enchente de [19]88 deve ter atingido 9,80m, 9,88m por aí. Ela foi mais alta que a de 1982, mas não, a cidade esteve tranqüila. Só com a natural vigilância dos órgãos de segurança, o quartel, o corpo de bombeiros. O quartel vigiava dia e noite através de patrulhas. Vigiava em torno do dique pra que não houvesse qualquer tentativa de alguma coisa (...) seria fatal se houvesse um rombo no dique alguma coisa. Seria fatal porque realmente estava alto.¹⁰

Proteção e tranquilidade são os adjetivos usados por Conceição Montanheri para classificar o dique. Acrescenta que é uma obra fantástica para a cidade, considerando as condições do município para a época e o alto custo da obra.

Não tivemos tantas enchentes assim, mas a de [19]88, por exemplo, o dique já protegeu. E se não fosse... Nossa! Teria sido uma catástrofe mesmo! Porque foi a maior enchente que nós tivemos. É próximo dos 10 metros e alguma coisa, próximo dos 10 metros, com 11 o dique ta, com 11 metros a água chegou a 9 metros a quase 10 metros, 9 metros e meio por ai quase 10 metros. Então significa sossego, tranqüilidade pro povo né, poder construir melhorar suas casas. O comércio acreditar e melhorar também. Acho que foi uma bênção. Acho que foi uma maravilha.¹¹

Nos relatos a seguir, percebemos que, mesmo acreditando na segurança oferecida pela barreira de proteção, os moradores vão até a beira do rio para olhar o avanço das águas. Do mesmo modo, buscam forças na fé para desviar a possibilidade de uma nova enchente invadindo a cidade. Não obstante, o que mais incomoda, é a remota possibilidade de deixar o local definitivamente. Essa necessidade de afirmação da segurança da barreira está como que concatenada ao desejo de permanência no local. O vínculo estabelecido pelo homem com o ambiente em cena, há muito é fortalecido cotidianamente pela ação de ir até o rio, observar o movimento das águas e fazer a leitura da natureza, em prol da permanência do grupo. Aguça-se o sentimento de pertença, reforçando os laços identitários com o rio.

Segurança. Muita segurança. Eu acho por que desde aquela vez, graças a Deus que não, já teve. Já encheu o rio, ele ficou beirando o dique assim, vem a onda até que subia no dique. A gente ia olhar, mas sempre tinha fé e nós falava que não vai invadir nossa cidade. Graças a Deus que não deu. Ali foi mais uma enchente que deu.¹²

⁹ Luiz Augusto Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murinho, MS

¹⁰ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murinho, MS

¹¹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murinho, MS

¹² Lídia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murinho, MS

Quando questionada sobre a possibilidade de outra enchente e a ocorrência de novas inundações, responde que, “com certeza! Isso vem da natureza. Isso você não pode segurar porque vem de Deus né. É isso, e vai vir. Só que nós temos que ter consciência que o dique não vai deixar nós sair daqui.”¹³ Finalizando, recorre à necessidade de uma manutenção constante do dique. Em toda sua entrevista, ela defende a preservação do ambiente, da não poluição do rio e a necessidade da permanência na cidade como uma forma de proximidade do Pantanal. Para que ele não seja prejudicado pelo turismo mal planejado, que inclui a pescaria no período da reprodução dos peixes, pelo lixo, como o plástico e garrafas pet, que pode ser encontrado no Pantanal.

No decorrer da execução das obras, a mudança da paisagem foi objeto de estudo por parte dos engenheiros, que cogitaram o recuo do dique escalonadamente em diversos locais, de maneira a criar espaços para a formação de pequenos jardins, objetivando compensar a eliminação do rio da paisagem local. Para que não ocorresse a eliminação total do contato visual com o rio, foi prevista a criação de áreas de lazer, localizadas na zona mais nobre da cidade, em que se procurou dissimular totalmente o dique na composição do ajardinamento de forma a criar uma praça escalonada, de onde seria possível se apreciar a paisagem do rio. (figura 1)

Todos esses cuidados tinham o intuito de evitar que a população encarasse a obra como um simples aterro, constituindo um obstáculo ao acesso ao rio, sem nenhum atrativo. Escadas deveriam ser construídas em frente a todos os passeios das ruas perpendiculares ao dique, como forma de facilitar o acesso para a transposição do dique. Tal escalonamento permitiria reduzir as desapropriações.¹⁴ No entanto, observou-se que, muito do planejado, não foi executado. A quebra do impacto visual do aterro de 2 metros de altura que se estendia linearmente ao longo de toda margem do rio ficou no papel e na lembrança dos moradores.

Observamos, na narrativa de Dona Norma, quando pergunto a ela o que mudou na cidade com a construção do dique:

Mudou sabe o que? A paisagem! Porque antes eu sentava na calçada da minha casa eu via os navios, ali de lá de casa eu via os navios, via o rio, hoje não dá pra você ver. Porque fica abaixo do dique, não dá pra você ver contemplar a natureza no rio, mas a gente agradece, porque tivemos esta oportunidade de ter o dique aqui imagina que muita gente foi embora [...].¹⁵

Continua sua narrativa, destacando os aspectos negativos advindos com a construção do dique. Que ele não trouxe apenas a transformação da paisagem, mas dos hábitos e dos costumes. Para ela, o fato de “fechar” pontos de acesso do dique restringe a liberdade de ir e vir da população. Isso ocorre porque ele corta a propriedade dos hotéis que

¹³ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho.,MS

¹⁴ MINTER/DNOS. Relatório do projeto. Vol. I

¹⁵ Norma Meza Pereira. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

ali se encontram. Salienta que “muitos reclamam” porque “os hotéis acha que ele é dono desse dique e fecha de nós. Nós não temos passagem pra andar porque poderia deixar tudo aberto livre pra gente andar. Porque não é deles, o dique é da união.”¹⁶ Pontua que é uma propriedade pública e não propriedade particular, que a população é impedida de passar por esses pontos, em frente a esses locais. Acrescenta que “não quer que passe na frente, em cima do dique. É tão bom pra fazer a caminhada, que é um dos lazeres que nos achava que era uma boa pra nos”¹⁷ Ela complementa:

É muito bonito, não existe outro lugar no mundo que nem Porto Murinho. Você subi em cima do dique no por do sol e você bate uma foto. Hoje é uma imagem e amanhã é outra. Nunca se repete a mesma. É a coisa mais linda! Se existe alguma coisa de bonito que nós temos é o por do sol em Murinho, e a própria população, a família é muito legal. Não tem assim sabe, a gente tem que se orgulhar de ser murinhense.¹⁸

Enfatiza que muita coisa de valor histórico da cidade, “as pessoas se adonam”.¹⁹ Estão em poder de um determinado grupo de pessoas, e que isso incomoda muitos murinhenses. Como é funcionária pública, lotada no Museu Municipal, cita, como exemplo, o acervo, para que fique exposto, aos olhos do povo. Seus questionamentos persistem; para ela, a história da cidade deve ser contada pelo povo, pelos objetos e máquinas que ali estão.

Questiona sobre a localização da planta original do dique, que considera um documento importante que ninguém sabe onde está e que difere em muito da obra construída.

Porque pela planta do dique era uma coisa de louco. Uma coisa mais linda. Não precisava estar dessa forma. Um lugar tinha que ser tudo. A paisagem, por exemplo, é completamente diferente. Não é essa que você vê aí que a gente via na planta, inclusive até sumiram com essa planta. Porque poderiam deixar até aqui no museu hoje ninguém sabe onde que foi parar.²⁰

As alterações, citadas por ela, na planta inicial do dique estavam atreladas a fatores econômicos e geográficos, como podemos observar a especificação no relatório ao tratar dos aspectos paisagísticos do projeto.

Inicialmente pensou-se em valorizar a área fronteira ao rio em toda a extensão da cidade dando um tratamento urbanístico e paisagístico mais profundo, inclusive reorientando a estrutura viária, porém chegou-se a condições orçamentárias e de infra-estrutura proibitivas com relação ao atual estágio de desenvolvimento da cidade, o que fez com que reestudássemos uma outra alternativa.²¹

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ MINTER/DNOS. Sistema de Proteção contra as inundações na cidade de Porto Murinho. Vol. II. p. 148

A solução encontrada pelos engenheiros foi a implantação de uma paisagística, atendendo as restrições orçamentárias do projeto, de acordo com as necessidades locais.

Considerando-se os fatores econômicos, sociais, históricos e geográficos da região, achamos oportuna a criação de uma área verde junto ao dique, em local favorável e potencializá-la com elementos funcionais de tal modo que justificassem o empreendimento à nível local. Partiu-se então para criar um ambiente comum para ponto de encontro da população onde pudesse motivar a cultura e o lazer;²²

Além da criação de um ponto de cultura e lazer, outro ponto em destaque era “incentivar a economia da cidade, através da exploração do turismo e da pesca.”²³

Adotou-se um plano paisagístico que integrasse a área verde ao dique, de modo que propiciasse um conjunto harmônico mantendo sua unidade. O escalonamento tinha a finalidade precípua de criar um jogo de platôs contrastantes entre si e com os taludes mais próximos como forma de buscar um movimento contínuo, diminuindo o volume do aterro. A ideia da criação da área verde e de um parque era a aproximação do homem com a natureza e vinha atender a “uma moderna filosofia de implantação de parques e áreas de lazer.”²⁴ A distribuição da área verde seria condicionada, principalmente, pelo aspecto contemplativo, onde cor, volume, textura, solo e outros elementos como a água criariam um cenário de contrastes visuais, um jogo lúdico, valorizando toda a parte estética da obra. Como não destacarmos, nesse ponto, que toda essa “paisagem artificial” tinha como pano de fundo nada menos que o rio Paraguai e o Pantanal de Nabileque. Que cenário realmente se faria necessário produzir? Desnaturar é a palavra-chave.

Em resumo, diante de tal fato, é possível afirmar que “o natural e o artificial se confundem, e a cópia passa a ser mais valorizada do que o original.”²⁵ A tentativa de amenizar as modificações pelas quais passou as margens do rio, que funciona como uma porta de entrada para os pantanais, esteve presente no decorrer da obra e questionadas não apenas pelos moradores que acompanhavam os trabalhos de construção da barreira de contenção das águas. Muitas vezes, o descontentamento e os questionamentos partiam dos profissionais que ora autorizaram tais modificações. Afinal, o que ocorria era um redesenhar das imagens, e a remodelação de peças do mosaico pantaneiro. Verificamos que esse cuidado estava explícito no cuidado com que foram desenhadas as plantas, quando se tratava da vista parcial e da paisagem a ser ali implantada.

Coincidentemente, foi a partir da década de 1970 e início de 1980, que se elabora toda uma representação edênica e idílica sobre o Pantanal, favorecendo o desenvolvimento de uma nova atividade econômica na região, o turismo. As perdas consideráveis na

²² Idem. p. 148.

²³ Idem, p. 149.

²⁴ Idem, p. 149.

²⁵ MEYER. M. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*, 2008, p. 97.

pecuária, com as enchentes de 1974, e, posteriormente, em 1979, foram cruciais para tal fato. Avaliar as relações do homem com a natureza, com o ambiente em que se insere, é de fundamental importância, quando na implantação de qualquer elemento modificador. Não se pode isolar o homem de tal ambiente. A teia de relações ecológicas e culturais estabelecidas deve ser conservada em detrimento às práticas econômicas ali desenvolvidas.

Analisando o paisagismo no ramo da construção civil, Meyer menciona que uma das primeiras preocupações é “tirar o mato” e, posteriormente, inserir elementos exóticos alheios ao ambiente “reproduzidas em folhinhas e cartões postais”.²⁶ O propósito é “organizar a natureza de acordo com o modelo cultural importado”²⁷, dentro de uma significância pessoal e econômica, atendendo às políticas de mercado, onde a “sucessão ecológica dê contorno ao ambiente”. Seria pertinente, mais uma vez, a análise de Meyer, quando acrescenta que, “dessa forma, a natureza vai sendo construída dialeticamente: o natural e o artificial coexistem.”²⁸ E acrescentamos, o delinear de representações e imagens idílicas, no caso em tela, o Pantanal.

Como verificamos, a planta inicial, elaborada logo após a enchente de 1979, em meados de 1980, passou por modificações em virtude da necessidade de novos estudos dos níveis alcançados pelo rio Paraguai, após a enchente de 1982, e também por razões orçamentárias. Porém, é motivo de descontentamento por parte dos moradores. O senhor Hipólito comenta sobre a rampa de acesso que está bem diferente e, de acordo com ele, não deveria ter sido alterada.

Eu sei que lá no Porto tem uma rampa que desce assim ó, (faz um gesto com braço que fica em declive) ali teria que ter outra rampa em sentido que subisse lá pra aquele lugar ali e não foi feito, seria uma rampa em forma de V assim, não foi feito.²⁹

A inviabilidade na construção das rampas está associada à geografia da cidade, como observado em relatório, pelos engenheiros responsáveis pela obra. (figura 2)

Essas rampas [...] criariam uma complicação muito grande para a circulação dos veículos, exigindo entre outras, a criação de ruas com apenas um sentido de tráfego, o que não é compatível com o tamanho da cidade. Outra desvantagem seria a construção dos muros de arrimo que seriam necessários para contenção do aterro das rampas.³⁰

É preciso considerar igualmente, que além da questão visual e estética da obra, houve as alterações do clima com a elevação da temperatura, como salientam moradores. Como o dique forma uma barreira em redor da cidade, observamos que, para muitos

²⁶ Idem, p.99.

²⁷ Idem, p.99

²⁸ Idem, p.99

²⁹ Hipólito Soares. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁰ MINTER/DNOS. Relatório do projeto vol I. p. 111

moradores, a sensação de estar “preso” incomoda. Para a professora Elizabeth Ayub, o dique

salvou a cidade da enchente mas também atrasou muito e atrasa até hoje porque além do clima, o clima ficou muito pior, esquentou muito mais por causa do dique, cortou muitas casas, muitas coisas que tinham aí tiveram que cortar no meio por causa do dique e ... e fechou a cidade e você vê parece é difícil até pra crescer do outro lado, mas e por outro lado salvou a enchente... salvou a cidade da enchente.³¹

Essa questão está presente em várias narrativas. O pescador Antonio Soria, ao ser questionado sobre as mudanças ocorridas no ambiente, após a construção do dique, se apressa em responder:

Primeiramente, ante de começá esse dique, o pessoal achava ruim esse dique. Não acostumava com o dique por que começou a sentir mais calor, né. O vento você não pega mais como antes, antes do dique. E não enxergava o que ta passando lá na beira do rio. Antigamente era um vista diferente. Tudo que passava lá daqui mesmo você vê navio, de todo tipo de navio. E agora acabou isso ai. E o vento, como temporal mesmo que pega o vento e esse daí segura muito o ar. O ar quente vem por meio desse ai que vem mais a doença né. Muito quente, muito quando é na época de calor, pessoal reclama demais. Calor, calor e você não agüenta. E o tempo de frio também. Virou tempo de frio você não agüenta o frio.³²

Apontar esses contrastes é de grande relevância para entendermos a aceitação da obra por parte da população. O retorno ao ambiente acolhedor e familiar de uma pequena cidade é rebuscado constantemente pelos nossos entrevistados. Inocêncio Fernandes diz: “eu nunca achei diferente o dique. Eu não acho diferença.”³³ Reclama, no entanto, que, com a construção, esquentou mais e muitos hábitos da população tiveram que ser repensados. Pontua que: “em frente em minha casa a gente sentava bem ai em frente, tem arvore a gente sentava. Hoje você não aguenta, fica abafado, bate ali o sol e tem que ficar mais lá no fundo do quintal.”³⁴ Foi comum nos depararmos com questionamentos dos entrevistados para com eles. É como se fosse a busca de uma resposta para algo que já está definido, mas, onde não houve a participação para tal definição.

Destacamos, aqui, o questionamento de Dona Magna. Perguntamos sobre o dique, das mudanças, ela fica pensativa, começa a rir e responde: “Não sei. Não sei. Por que queria mudar se baixava a água e ficava bem, só vendo. Depois que inventaram esse dique né.”³⁵ Fala da importância da manutenção da obra, “eu penso agora que tem que arruma por que é, como que a gente fala, por que tem algum lugar que já ficando feio.”³⁶ Mesmo sem perceber, manifesta seu desejo do retorno à cidade nos seus moldes primeiros, sem a obra

³¹ Elizabeth Avelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS.

³² Antonio Sória. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³³ Inocêncio Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³⁴ Idem.

³⁵ Magna Sanches. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

³⁶ Idem.

do dique e, ao se referir às cheias, fala de modo a entender que estava habituada com o subir e baixar das águas.

Além da visão religiosa do fenômeno, as transformações ocorridas ao longo da segunda metade do século XX, no Pantanal, mostram como as percepções dos pantaneiros em relação à enchente obedecem, também, uma noção prática de como lidar com essa realidade. As enchentes são vistas como um fenômeno no qual precisam aprender a conviver com essa realidade, a fim de adaptarem-se ao meio e fazer com que prejuízos, tanto materiais, como até mesmo o risco a vida, sejam minimizados ao máximo, sem, no entanto, o risco de abandonar, de sair definitivamente do seu lócus.

Conhecedores das dificuldades enfrentadas com a chegada das águas que invadem a cidade, suas casas, modificam sua rotina, seu cotidiano, observamos, nas narrativas de nossos colaboradores, que o dique tem uma posição dualista. Se considerarmos por um lado, é visto como proteção, e, por outro, percebemos que foi uma ruptura na relação do homem com seu ambiente primeiro, ou seja, com a paisagem natural sem a intervenção humana na construção de uma paisagem com elementos artificiais.

E o dique trouxe a segurança. Por outro lado ele tirou aquele romantismo da gente, a gente vinha lá no meio da cidade a gente via aqueles navios passando, não é. Tirou a visão do rio. Aquele movimento do rio, tirou. Pra gente ver tem que ir lá no dique. Mas trouxe segurança sem dúvida.³⁷

Artêmio Sanchez é enfático ao expressar sua opinião em relação à construção do dique. Ressalta que, mesmo sendo uma mudança necessária, não é obrigado a aceitar. Nas várias visitas à cidade, o contato com alguns moradores se fez de maneira menos informal. Seja na pequena rodoviária, na portaria do hotel, no restaurante, no museu, na escolinha do Caacupé, na praça do tereré, no passeio de chalana, no trailer do lanche, a opinião de muitos é coincidente com o depoimento dado por Artêmio, quando diz:

O dique foi uma mudança necessária. É não vou dizer pra você que sou obrigado a aceitar. Eu aceito, até de bom grado. Foi uma mudança que eu não gostaria que tivesse acontecido. Mas foi necessária que acontecesse. Por que senão as enchentes iam se suceder, como se sucederam e se sucedem até hoje, Porto Murtinho, a sede original do município, seria apenas um alagado. Então se preservou a cidade e se convive muito bem com isso hoje. Foi uma mudança importante que eu não gostaria que tivesse acontecido, mas foi necessário que acontecesse.³⁸

As preocupações mais acentuadas tinham, como foco, a mudança da cidade. A ideia foi refutada e causou muitas discussões e mal entendidos que giravam em torno do fato de ter sido ou não uma decisão em conjunto com os moradores ou mais uma decisão de

³⁷ Hipólito Soares. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

³⁸ Artemio Snachez. Entrevista em agosto//2008. Porto Murtinho, MS

gabinete. O relato de Ninfa Avelar contraria as demais narrativas e revela sua inquietude e indignação frente às decisões tomadas no período.

Por que isso foi uma coisa resolvida entre minoria. No caso seria, meu marido falou na época, que foram só três pessoas, que decidiram não mudar a cidade. Por que, acho que o povo fosse consultado talvez pediria pra mudar. Não sobrou mais nada. Todo mundo com casa pela metade, não tinha telhado, não tinha. Perderam tudo, a cidade foi reconstruída 90% por que a água penetrou em tudo, tudo, tudo. A escola aqui quase caiu depois que construíram de novo reformaram de novo, tudo.³⁹

Trata-se de uma indecisão ou meras especulações? Assim como tantas outras perguntas, essa foi lançada para Antonio Barreto, que nos diz:

O povo não queria mudar. Foi proposto mudar a cidade, não quiseram. Quando foi proposto fazer o dique também eles não foram a favor do dique em si. Eles acharam que o dique ia prejudicar aqui, de ficar sem vista pro rio, que ia ficar abafado que não ia ... Todo mundo estava achando que ia ter esses problemas. Uns por conveniência, outros por que havia conversa de outras pessoas e ficavam sem saber, então optava por uma opinião, né. Mas, o pessoal por si queria que ficasse daquele jeito mesmo. Deu a enchente sai, acabou a enchente volta e acabou. Esse era o melhor pro povo.⁴⁰

A narrativa dos acontecimentos, por nossos entrevistados, é, em suma, um relato organizado de tais acontecimentos. Sejam eles reais ou fictícios, no interior dos quais se desenvolve um enredo concatenado com o presente, onde o entrevistado, por vezes, atua na forma de observador ou partícipe do fato. Percebe-se um tom ironia, de humor no relato acima descrito, quando trata da relação das enchentes. A relação homem e natureza, homem e cidade, provoca mudanças no seu comportamento. Esse homem vê sua vivência pautada de acordo com os fenômenos da natureza e sua história contada em função da sua relação direta com o meio em que está inserido.

A ocorrência de cheias no Pantanal, durante o século XX, foram acompanhadas mais de perto pelo homem, sobretudo, daquele que tem sua vida ligada diretamente ao meio na qual vive e dele garante sua sobrevivência. No Pantanal, por sua vez, são peões, fazendeiros, pescadores e, em geral, todos aqueles que possuem uma relação mais estreita com o meio pantaneiro, incluindo nesse grupo os moradores das cidades da orla Pantaneira, como é o caso de Porto Murtinho, Corumbá, Aquidauana, Coxim, Cáceres, dentre outras.

As consequências das enchentes, em todo o Pantanal, sejam elas na cidade ou no campo, produzem significados que marcam a vida desses homens, de formas variadas, as representações, que cada um absorve, possui traços incomuns. A maneira com que o ciclo das águas no Pantanal afeta a cada um são bem diferenciadas, ou seja, existe uma similitude entre a concretude do real e as representações criadas no que tange o ambiente e de si mesmos.

³⁹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁴⁰ Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

O relatório elaborado Pelo Ministério do Desenvolvimento, através da CONSPLAN, aponta que, na década de 1970, Porto Murtinho era um pequeno centro urbano com uma economia em duas frentes: a indústria extrativa e a pecuária.⁴¹ Na zona urbana, a indústria extrativista voltada para um mercado exportador. Estrutura de produção capitalista mantendo características colonialistas, com o aproveitamento da mão-de-obra indígena e a paraguaia na extração do tanino, baixa produtividade, operando em função das variações climáticas da região e uma degradação ambiental progressiva. Sendo uma economia de caráter extrativista, a decadência está vinculada à utilização de matéria-prima similar em outras áreas, como Argentina e Paraguai, que atuam no mesmo setor extrativista do tanino.

A pecuária, organizada nos moldes tradicionais e extensivos, se utiliza de grandes áreas. Baixo emprego de capital, utilização da mão-de-obra indígena e paraguaia com uma remuneração ínfima e nenhuma qualificação, disseminando um processo rotineiro e espoliativo, traços de uma economia colonial. A pecuária estava voltada para o mercado externo e circulação da produção fora das vias do município.

Ressaltar esses aspectos se faz pertinente porque evidenciam a desintegração dos setores ditos urbanos e rurais, no município, voltados para mercados diferenciados, utilizando-se de extensas áreas e mão-de-obra local, sem, contudo, propiciar investimentos e melhorias locais. O urbano está em decadência frente à escassez da matéria-prima que move a indústria do tanino e o rural dá sinais de expansão para outras regiões, onde a incorporação de terras permite um aumento da produção, reforçando a circulação do capital nos locais de residência dos latifundiários, como era, no caso, Campo Grande.

Historicamente, temporalmente, a década de 1960 apresenta a degradação ambiental como um sério problema, seja em âmbito social, político, ecológico econômico. Despontam debates no cenário internacional, enfatizando a necessidade de políticas preservacionistas. A Conferência das Nações Unidas da Biosfera, em 1968, reuniu especialistas discutindo os problemas ambientais de forma global, resultando na percepção dos efeitos negativos oriundos de um processo exploratório da natureza. A constatação dos crescentes efeitos da degradação ambiental foi foco de debates nas décadas de 1960-1970. O aumento demográfico, a industrialização, a inserção de novas tecnologias na agricultura contribuíram para a degradação dos sistemas naturais, gerando uma crise ambiental em âmbito global. Chernobyl foi a triste marca da década de 1980. Mudanças climáticas, as consequências do aquecimento e impactos ambientais. A ECO - 1992 lança um novo desafio: o desenvolvimento sustentável, como forma de conciliar de reverter a incompatibilidade da expansão com a conservação do meio ambiente, dos ecossistemas

⁴¹ SUDECO/CONSPLAN, 1970, p. 70

constituintes de uma base natural. A ênfase estava na necessidade de um alinhamento ético. Diferenças deveriam envolver três setores, pautando-os como objetivos centrais: econômico, ambiental e social.

Nessa perspectiva, a exploração extrativista do tanino e o gradativo desenvolvimento da pecuária estão atrelados a um desenvolvimento em âmbito não apenas local, mas inserido no contexto político e econômico global. A necessidade do domínio dos recursos naturais pelo homem está correlacionada ao desenvolvimento econômico e na busca de melhores condições e qualidade de vida. Necessidades e interesses que geraram modificações naturais advindos no decorrer do processo evolutivo da humanidade.

4.2 – “a muralha que a cerca é a sua proteção, sua segurança contra as águas que constantemente avançam em sua direção”⁴²

Estudos preliminares sobre a necessidade da implantação de uma barreira para a contenção das águas nas enchentes, na região de fronteira de Porto Murtinho, foram realizados a partir da década de 1970; posteriormente, a grande cheia do Pantanal de 1959, como citado anteriormente.

O relatório preliminar de Desenvolvimento integrado do Município de Porto Murtinho, elaborado pela CONSPLAN, na década de 1970, ao retratar a situação com recursos financeiros da SUDECO, dentre as principais medidas de aplicação imediata na região, cita, além da melhoria das estradas, de medidas de saneamento, da dinamização de um serviço portuário, a necessidade da construção de um muro de arrimo ao longo do rio Paraguai. As causas apontadas justificam a construção para “evitar o prolongamento da erosão que se verifica anualmente em suas margens e que está ameaçando de ruir edifícios.”⁴³ Com uma extensão de 3 km de comprimento, com um custo aproximado de CR\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinqüenta mil cruzeiros). Parte dos recursos seria subsidiado pela SUDECO (70%) e o restante (30%) pela prefeitura local. Apontado como prioridade de ordem primeira, o objetivo era conter as águas do rio Paraguai que, “no período das enchentes avançam para a cidade”, evitando o processo erosivo “ que encontra-se em estado avançado”.⁴⁴

O jornal *O Momento*⁴⁵, em 16 de julho de 1982, estampa, em manchete de primeira página: Andrezza “Anuncia a construção do dique para Murtinho”. O início das obras estaria marcado para 60 dias e a construção do dique deixaria Porto Murtinho definitivamente livre das inundações. De acordo com a reportagem, o anúncio foi feito na

⁴² LEON, B., *Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense*, 1994, p. 21.

⁴³ SUDECO/CONSPLAN. 1970, p. 72.

⁴⁴ Idem, p. 115.

⁴⁵ Jornal *O Momento*, 16/07/1982, nº 8.697. Corumbá, MS.

cidade de Iona, onde estariam abrigadas aproximadamente, seis mil pessoas. Estavam presentes o, então, governador do Estado, Pedro Pedrossian, autoridades municipais, o Diretor Geral do DNOS, José Tavares, que explicou detalhadamente como seria essa proteção definitiva para a cidade e que ela seria as bases para a implantação de um anel rodoviário, interligando Porto Murtinho aos demais centros urbanos. O cais de 200 metros de comprimento, galerias de concreto para escoamento de águas pluviais e lagoas de acumulação. Informa que a prevenção é necessária para a expansão da cidade com capacidade para abrigar 35 mil habitantes. A narrativa de Lidia Fernandes contém informações relevantes sobre o uma questão polêmica entre os moradores: houve ou não um plebiscito?

Depois dessa enchente, da primeira enchente, [1979] o Mário Andrezza e, não sei se era deputado, o Levi Dias, acompanhou ele, sobrevoou a cidade, e eles viram. Veio, um repórter e fez assim um levantamento, uma pergunta pra nós. Falou assim, pra gente assim: o que a gente achava de mudar a cidade, ou que a gente queria o dique. E todo mundo queria o dique, e foi que o Mario Andrezza que fez.⁴⁶

O dique envolveria toda a cidade com uma cota de 11,20 metros. Entre as características principais da obra de defesa, constam os dados do coroamento na cota de 11 metros, altura de 3 metros com largura no topo que varia de 4 a 8 metros, e a largura da base de 16 a 20m. A altura máxima atingida pelo dique em trechos localizados é de 4 metros e ocorre exatamente onde tem 8 metros de largura no coroamento, resultando uma largura na base de 24 metros. O dique possui um comprimento total de 11 km. (figura 3)

O período de execução das obras foi acompanhado com curiosidade pelos moradores que guardam detalhes de como foram feitas as escavações. Quando questionado sobre o assunto, Inocêncio Ferreira, com ênfase, relata:

Lembro, eu acompanhei tudo. Acompanhei tudo. Esse dique ai não é um aterro qualquer. Esse dique aí é um dique bem preparado. Porque foi cavucado dois metros e meio abaixo, e aquela terra preta, aquela terra de lodo, que tinha aqui tiraram dois metro profundidade por três metros de largura. Entrava ate maquina lá embaixo pra trabalhá, pra socá. E vinha de outro lugar vinha a terra pra enche de novo já com ela socando. Eu acompanhei tudo e não é um aterro qualquer. Esse aí é um aterro bem preparado.⁴⁷

A parte da fundação da obra é descrita Pelo professor Firmo, que se utiliza de um exemplo, uma pirâmide, para explicar que

Sobre esse corte da pirâmide há uma estrada uma via né. Uma via para inclusive fiscalização de que tá tudo correndo bem em volta da muralha se não tem algum furo, se não tem alguma (...) algum cachimbo penetrando água na estrutura e assim por diante (...) essa muralha não tem nem pedra, nem cimento, nem ferro, nada ela é exclusivamente de terra prensada, é vibrada. Então não há uma alma de ferro, nem de cimento, nem de pedra.

⁴⁶ Lidia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em 10/12/2008. Porto Murtinho, MS

⁴⁷ Inocêncio Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

Mas ela parte do interior da superfície. Ela não é simplesmente assentada na superfície. Foi escavada a superfície e dali começou a construção. Eu não posso lhe precisar a profundidade da escavação da superfície, mas eu sei que deve ter por baixo, mais de metros, por que dali partiu.⁴⁸

A finalidade primordial do dique é evitar as inundações da área urbana, provocadas pelas elevações extraordinária dos níveis de águas do rio Paraguai, similares as de 1979 e 1982 e dotar a área protegida de um sistema de macrodrenagem pluvial. Faz-se incluso a viabilidade do desenvolvimento portuário da região.

O objetivo das obras é evitar a inundação da área urbana atual e da área de expansão futura da cidade, provocada pela elevação extraordinária do nível d'água do rio Paraguai, similar a ocorrida em 1982, e dotar a área protegida de um sistema adequado de macro-drenagem pluvial. Afora o sistema de proteção da cidade contra as inundações, pretende-se incentivar o desenvolvimento das atividades portuárias da cidade através da construção de um atracadouro para embarcações.⁴⁹

O sistema de macrodrenagem foi disposto de maneira a permitir o fluxo de drenagem sem que ocorresse o aprofundamento da rede, visto que a cidade é, topograficamente, pouco acidentada, constituindo-se praticamente num tabuleiro de xadrez.

A obra concebida basicamente por um dique de terra envolvendo a totalidade da zona urbana possui um sistema de macrodrenagem interligado a uma casa de bombas, onde foram instaladas duas comportas que deveriam permanecer abertas no período de níveis baixos do rio Paraguai, permitindo a drenagem natural das águas internas; e um atracadouro para embarcações, constituído por um cais com rampa para facilitar as operações de carga e descarga. (figura 4)

A projeção de um atracadouro visava à continuidade das atividades portuárias, de embarque e desembarque de mercadorias, na década de 1980, em Porto Murtinho. Essas atividades eram feitas ao longo da margem do rio, nas proximidades da Secretaria da Receita Federal, onde toda embarcação que trafega pelo rio Paraguai tinha a obrigatoriedade de chegar para receber o visto de passagem. A barranca do rio, atingindo o leito da rua, no trecho entre a Prefeitura Municipal e a Secretaria da Receita Federal, inviabilizou a instalação do atracadouro nesse trecho, devida à falta de espaço para o funcionamento. A área escolhida recaiu no trecho que compreende a Prefeitura Municipal e a Avenida Laranjeiras, onde há espaço suficiente para o funcionamento do porto e, futuramente, a construção de galpões para o armazenamento de mercadorias. Alternativa viável seria a construção nas proximidades da Florestal Brasileira e após a rua XV de Novembro onde há grandes áreas desocupadas, sem habitações. Em curto prazo, não

⁴⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

⁴⁹ MINTER/ DNOS. Relatório do projeto vol I. p. 04

existe a previsão de atividades portuárias que, economicamente, exija uma área maior que a disponibilizada.

No contrato assinado pelo DNOS e a Construtora Beter S.A., datado de 04 de maio de 1982, o início das obras foi adiado e a previsão de início foi para final de setembro de 1982, devido às enchentes. A previsão de baixa total das águas na área inundada seria meados de setembro. O relatório apresentado pelo DNOS salientava que “neste mês de julho o rio Paraguai atingiu a cota de 8,47 metros causando a inundação de cerca de 60% da área urbana. No dia 16/jul/80 o nível registrado foi de 8,39 metros.”⁵⁰

Antes do início das obras do dique, fez-se necessária a recuperação de trechos da BR 267. Essa observação consta na narrativa de Luiz Augusto Codorniz

Aqui na saída da cidade, eles fizeram um aterro que a gente chama de vertedouro. A estrada foi cortada pelas águas, com a força da correnteza, foi cortada. Levantaram mais, então a cidade não ficou é submissa, submersa. Mas daqui até o km 5 que é mais alto, daqui pra lá, de lá pra cá, era só água.⁵¹

As erosões (foto13) ocasionadas pelas águas deveriam ser imediatamente recuperadas com cascalho, permitindo o acesso e tráfego das máquinas. Com a recuperação da BR, em agosto de 1982, permitindo o acesso provisório à cidade, possível somente em 11 de setembro de 1982. A conclusão das obras de recuperação se deu em 09 de outubro de 1982, quando acontece a execução da limpeza da vegetação, permitindo o acesso das máquinas no local das obras do dique.

Foto 13 - Erosões causadas na BR 267 devido à enchente de 1982.



Fonte: Arquivo AGESUL.

⁵⁰ MINTER/DNOS. Relatório do programa de serviços. Vol. I

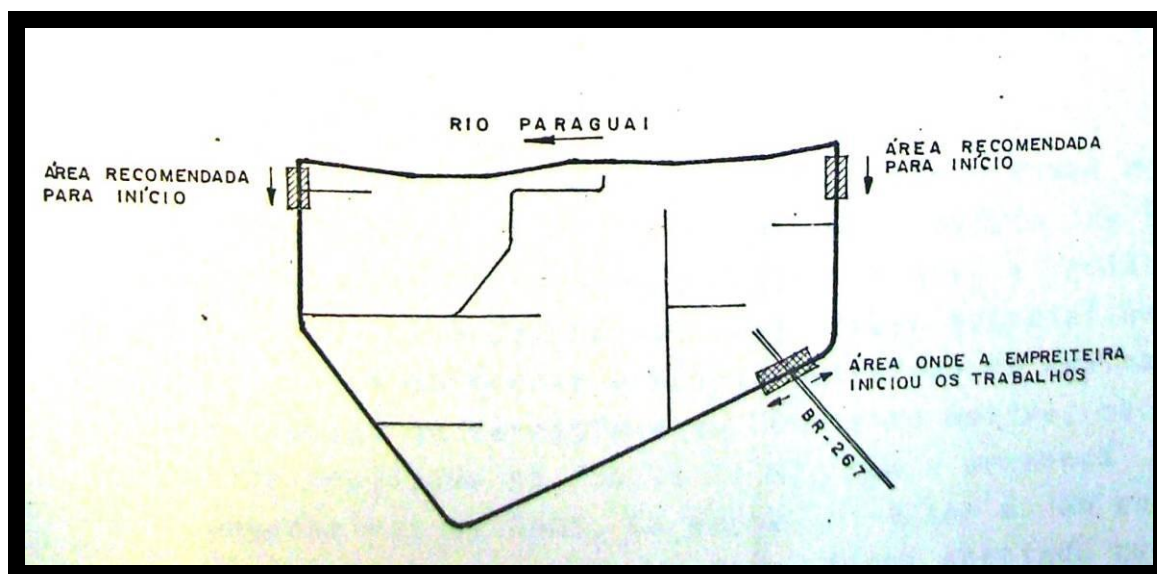
⁵¹ Luiz Augusto Codorniz. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

A limpeza da vegetação inicia-se no local destinado a casa de bombas em direção ao rio e, posteriormente, em direção às lagoas, iniciadas em final de setembro de 1982, e, em outubro, inicia-se a retirada da vegetação na área de construção do dique.

Com a necessidade da inclusão na área protegida da pista do aeroporto e do Hotel dos Camalotes, a localização do dique ficou praticamente definida e, por consequência, as áreas de expansão futura da cidade, haja vista que essa área resultante permitiria um aumento populacional na ordem de 6,5 vezes da atual, ou seja, aproximadamente, 35 mil habitantes.

Concomitante com a remoção da vegetação em área do dique, as obras são iniciadas pela empreiteira a partir da BR 267 para ambos os lados, mas havia uma enorme dificuldade de drenagem, em função da topografia local extremamente plana, o que permitia o escoamento das águas. As obras foram interrompidas e iniciaram-se duas novas frentes de trabalho, começando pelas margens do rio, uma nas proximidades do Hotel Camalotes e outra nas imediações da Florestal Brasileira. Como mostra a figura a seguir.⁵²

Gráfico 5 – Croqui dos contornos da barreira de proteção contra as enchentes



Fonte: Arquivo AGESUL

Na região de Porto Murtinho, o final do período das enchentes coincidiu com o início da época de chuvas no Pantanal, dificultando, dessa maneira, a colocação do material escavado das valas sobre material encharcado, além de tornar precário o tráfego de equipamentos pesados de terraplanagem. O período das chuvas intensas no Pantanal vai de outubro a março, com uma precipitação anual que varia entre 1.300 a 1.800 mm.

⁵² MINTER/DNOS, Relatório do projeto, nº 235-C. p. 9

Diferentemente de outras regiões da planície pantaneira, em Porto Murtinho, o rio Paraguai alcança cotas mínimas no período das chuvas e máxima na estiagem, fato esse decorrente da baixa declividade do rio que drena as águas das chuvas acumuladas no Pantanal, com vários meses de atraso. Por esse motivo, a confecção de uma primeira camada do dique ficou prejudicada. Camada essa do aterro com uma espessura de 0,50 metros. A compactação ficou para posteriori. Houve alerta da supervisão de obras – Magna Engenharia Ltda, para um processamento imediato de compactação do material.

Em relatório datado de 15 de novembro de 1982 e encaminhado à Magna Engenharia, por Paulo Teixeira da Cruz, referente a visita à obra, nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 1982, pelos responsáveis e engenheiros do DNOS, da Construtora Beter S.A e Magna Engenharia Ltda, chama a atenção a observação no que tange à importância do dique. Vejamos:

O detalhe de maior importância do dique é o contato dique-fundação, porque é nessa interface que poderia se iniciar um processo de percolação preferencial, seja por uma compactação deficiente, seja por uma ligação solo compactado-solo de fundação deficiente em qualquer ponto. Desnecessário é salientar que as consequências de uma ruptura do dique serão muitas vezes mais catastróficas que qualquer enchente até então ocorrida.⁵³

Acompanhar a construção do dique foi o ponto chave para a população, após a enchente de 1982. Em setembro, quando iniciaram as obras, os moradores procuraram uma forma de ajudar na construção da barreira e na reconstrução da cidade. A situação econômica de todos estava fragilizada. As alternativas que restavam era trabalhar como ajudante na obra, vender chipa, fazer comida para os trabalhadores e empreiteiros, lavar roupas. Alternativas foram surgindo com a continuidade da obra e das necessidades dela advindas.

Começaram a fazer o dique, eu, por exemplo, meu marido trabalhou na borracharia lá no [km]5 e os pessoal, o caminhoneiro tinha que pega o cascalho de longe. Então meu marido ficou com a borracharia pra atender os caminhoneiro e a gente ficou muito tempo lá depois da enchente, enquanto tava fazendo o dique eu fazia comida pra os caminhoneiro.⁵⁴

O pouco que ganhavam era utilizado para arrumar suas coisas, ajeitar as casas destruídas pela enchente. Muitos trabalharam na obra, e nas palavras de Braz Leon, “o povo foi trabalhador, gente humilde que defendiam seu pedacinho de chão.”⁵⁵ Passo a passo, os moradores conhecem a obra que foi se edificando e que constitui o elemento essencial na cidade. Segurança, estabilidade, possibilidade de novos investimentos, da expansão, e um possível crescimento demográfico estavam ali contidos.

⁵³ MINTER/ DNOS. Relatório de Supervisão de agosto a dezembro de 1982, nº 235-C p. 72

⁵⁴ Lídia Estefânia Ferreira Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁵⁵ Braz Antonio Leon. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

À medida que o tempo passou, a falta de manutenção e uma ameaça constante de rompimento da barreira começa a povoar o cotidiano da cidade, problemas de manutenção são verificados a partir de década de 1990, quando começam a surgir pequenas fissuras no dique, solapamento das margens do rio pelas águas e acúmulo de vegetação nos canais de macro-dragagem e a falta de manutenção das bombas de sucção da água, garantindo a drenagem interna para níveis acima de 6,50 metros, com capacidade nominal para 0,90m³/s.

As preocupações aumentaram com a notícia do rompimento do dique que barrava as águas das enchentes do rio Mississippi perto de Winfield, no Estado norte-americano do Missouri⁵⁶, ruptura de uma represa perto de Jacarta, na Indonésia, por falta de manutenção,⁵⁷ e Nova Orleans, quando o rompimento de um dique deixa 80% da cidade submersa.⁵⁸

A confirmação de que o dique oferece segurança vem acompanhada de ressalvas para muitos dos entrevistados. Hipólito Soares cita o rompimento das barreiras acima descritas:

Nós temos visto, lá nos países baixos, por exemplo, é cheio de dique, vários países da Europa, Ásia. Quando o dique, nos Estados Unidos, aquela grande enchente, lá no Texas, se não me engano, aquele furacão rompeu o dique, é houve um desastre lá. Quer dizer por mais é, bem que o dique seja feito, por mais segurança, a gente não tá livre de acontecimentos assim naturais.⁵⁹

Retorna a enchente de 1979 para fazer um parâmetro com a de 1959, lembra que estava no exército, que houve um furacão, que destelhou a maioria das casas. Chuva de granizo, vento forte que passava destelhando as casas, acrescenta que, “até bem pouco tempo, tinha casa aí, naquele tempo o reboque das casas era com cal e areia, né, tava tudo furadinho assim de granizo. Foi terrível.”⁶⁰ Este fato nos foi relatado por Edilda Coronel⁶¹. Ela lembra que foi um vendaval que arrasou a cidade, lembra do fato porque, na época, morava na vila da Florestal e foi ver a fábrica destruída pelo vendaval. Fato ocorrido em 09 de outubro de 1959, quando, por volta das 16 horas passou por Porto Murtinho um tornado violento que, praticamente, destruiu a fábrica da Florestal Brasileira e a cidade, arrancando telhados e tombando paredes, causando graves danos a todos.

As mesmas inquietações do Senhor Hipólito são as descritas por Firmo Luiz Fonseca, Ninfa Avelar e outros entrevistados. Ela lembra que, quando a população estava

⁵⁶ <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=780993>

⁵⁷ <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2009/03/27/rompimento-de-dique-deixa-mais-de-50-mortos-em-jacarta-755028092.asp>

⁵⁸ <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,OI648413-EI314,00.html>

⁵⁹ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁰ Hipólito Soares. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶¹ Anotações caderno de Campo em abril de 2007. Porto Murtinho, MS

acompanhando a construção do dique, o que mais se ouvia era falar sobre a necessidade de manutenção.

O dique? Ele eu acho que já salvou nós pra falar a verdade e, ao mesmo tempo acho que é um perigo. Um perigo, por que assisti, é assisti, eu assisti já em filme, notícias que foi feito dique igual a essa no Canadá e já não deu certo, já arrebentou, e em outro lugar também. A gente fica com essa expectativa. Só que a gente não vai querer amedrontar ninguém. Eu acho muito perigoso esse dique. Deus me livre e guarde! Isso aqui, ainda mais aqui, não dão sustentação. Tem que sempre estar, dando é como diz, tem que dar assistência, cuidar os buracos que tá havendo sempre, pesquisar como é que ta. Aqui não tem isso.⁶²

A necessidade de manutenção do dique é ponto de destaque, especialmente depois da enchente de 1988, quando o nível das águas atingiu a cota de 9,80. O dique foi projetado para 11 metros e, para Hipólito Soares, a possibilidade de novas enchentes não pode ser descartada, especialmente porque, segundo ele, “se chover muito, tanto na cabeceira como aqui, mas chove como antigamente, 120, 140 milímetros assim, e essa chuva não pará, aquelas águas lá da cabeceira se encontrar com esta, pode acontecer uma enchente”.⁶³ Pondera que os órgãos públicos devem estar atentos, fazendo a manutenção do dique, refazendo o aterramento nos pontos críticos, porque enquanto estiver compactado, enquanto a água não passar por cima, o dique não arrebenta, mas, no caso de passar água por cima da estrada, ou do dique, em poucas horas, abre-se uma brecha. Fala do seu período de ginásio, quando estudou geografia e aprendeu que o rio Paraguai é um rio de planície, que tem uma declividade de 5 cm por km, uma declividade baixa, que a água não vem com ímpeto, vem de mansinho e, sendo assim, “dá tempo pra pessoa ir se preparando, providenciando as coisas.”⁶⁴ Lamenta o estado de conservação do dique e lamenta que existam muitos interesses políticos em jogo, que quando disponibilizados os recursos para melhorar as condições do dique, fazer a manutenção da casa de bombas, não é bem empregado. Lembra das muitas tentativas de calçar a barranca do rio:

Eles calçaram, colocaram pedra, fizeram muro, mas não colocaram colunas que chegassem até lá em baixo no rochedo, foi caindo tudo, é dinheiro jogado fora. Engenheiro sabe que pra segurar um concreto, assim uma barreira, ele tem que encontrar base sólida.⁶⁵

Pensativo, responde que, no caso de uma enchente grande, “Aconteceria muitas perdas materiais, depende do modo como for tomada a cidade né. Se de repente não tomarem providencia e abrir uma brecha assim a água entrar, vai haver muita morte.”⁶⁶ A entrada da água pegaria muita gente desprevenida. Ele faz uma colocação que consta no

⁶² Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶³ Idem.

⁶⁴ Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

relatório de supervisão de obras da Magna Engenharia, que é a necessidade de se ouvir sempre as pessoas mais antigas da cidade, pessoas que viveram essas enchentes e dar crédito aos seus relatos. Tomadas as devidas providências baseadas nas informações obtidas, dará tempo para se precaver.

Para o senhor Firmo, uma manutenção regular ajuda na prevenção da erosão, salienta que não é preciso esperar acontecer para depois fazer os procedimentos necessários, é preciso estar atento, prevenir, porque, de acordo com ele:

O limite máximo que ela suporta seria de 11 metros (...) perto de 11 metros (...) então se o rio subir mais que 11 metros passa por cima dessa muralha. Graças a Deus nunca chegou a isso porque ai seria fatal (...) teria que desmanchar o dique na parte sul para que a água escoasse tudo (...) senão ficava uma banheira cheia d'água (...) a cidade ficaria uma banheira cheia d'água (...) mas nunca aconteceu isso não atingiu ainda... não atingiu 10 metros, foi feita pra 11 não atingiu 10 metros até hoje graças a Deus (...)⁶⁷

Quando na entrevista com a professora Elizabeth Ayub, perguntei da possibilidade de uma inundação na cidade, ela observa o filho brincando, fica em silêncio por alguns instantes, e responde:

Acredito sim. Ah! Por conta da destruição do meio ambiente (...) veja o clima mudou muito aqui, (...) pode não ser agora. Pode não ser ano que vem, pode ser daqui a cinco anos, enfim, mas é por conta disso, dessa mudança climática, da destruição do meio ambiente, ta acontecendo isso (...). O dique ele ta ... tem muito peso em cima dele (...) que na época que foi construído esse dique ficou bem claro que não poderia haver nada em cima e nem dos lados, teria que ter um espaço e olha como é a beira do rio com o dique, caminhões passando em cima do dique, caminhão do porto passando em cima do dique, então esse dique todo ano ele abaixa vários centímetros, todo ano tem que repor e não é feita a reposição sabe então a situação é complicada, a vista assim não aparece nada, mas o que acontece é lá na base, lá dentro é que começa a acontece as coisas (...) é perigoso, mas eu acredito sim numa nova enchente.⁶⁸

As observações de Elizabeth, em relação aos cuidados com o dique, são semelhantes às de Edson, que trabalhou na obra do dique. Ele relata que, logo após o término da construção, foi feita uma reunião com a população, onde foram colocados os cuidados que se deveria ter com o dique. Para ele, todos estão conscientes, mas muitos não respeitam e nada está sendo feito. Questiona se já foi até o dique. Diz: “Vamos até lá! Você vai ver que não deveria ter arvores plantadas onde estão. A distância deveria ser de mais de 10 metros.”⁶⁹ Acrescenta que é preciso fazer a manutenção da cama verde para evitar a erosão, e não plantar árvores, cujas raízes vão abrindo os sulcos na terra, porque, da mesma forma que cresce a copa, cresce a raiz. Há infiltração. A ruptura, talvez, leve anos, talvez, seja na próxima enchente, mas o dano está lá e reforça: “ninguém vai ver, mas está lá.”

⁶⁷ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murтинho, MS

⁶⁸ Elizabeth Avelar Ayub Nantes. Entrevista em agosto/2008. Porto Murтинho, MS

⁶⁹ Anotações no caderno de campo. Abril de 2007. Porto Murтинho MS

Há discordância por parte de Inocêncio Ferreira, quando fala na questão de um possível rompimento do dique. Para ele:

Segurança. É muito seguro, se confia muito. Pelo menos a gente dorme tranqüilo. Por que olhe de enchente que acontece em outro lugar aí, eu calculo que esses dique que feito por ai não é igual o nosso. E depois esse nosso rio ai não é rio de pressão, que dá muita pressão, é um rio manso, vem subindo devagarzinho e vai acompanhando o leito né, vai embora.⁷⁰

As bombas para o escoamento das águas, de acordo com os moradores, “ela tem vez que funciona tem vez que não funciona, esses dias tava tudo quebrado, e a falha foi feia”⁷¹. A função primordial de tais bombas é a retirada da água do interior da cidade, que, com a construção do dique, “ela é uma bacia, é uma bacia se não tirar essa água ela vai ó...”.⁷² O gesto que se segue tenta expressar o que as palavras calam. A ferrugem e o comodismo das autoridades são inimigos dos moradores, quando se fala em casa das bombas. Para muitos, bombas novas deveriam ser compradas, trocar tudo, “modernizar” os equipamentos. Questionamentos lançados tanto no que se refere ao período de instalação das bombas quanto na crítica sofrida pelos moradores, ao cobrar providências mais efetivas. Antonio Sória relata que, desde a construção do dique e a implantação das bombas, foram feitas manutenções, mas muito precárias e a ferrugem toma conta de suas engrenagens.

Manutenção geral. Agora outro que preocupa a população é a bomba que não está funcionando. Quando chega de entrar água aqui pra dentro, não tem condição de como tira a água. Por que tem que ter pelo menos três bomba preparada pra esse dique. Pra pode fazer pelo menos saí água, né. Não tem como segurar, depois que entra a água tem que correr. A bomba não tá boa.⁷³

Tal como as águas, o dique mantém um dualismo que está presente na fala dos nossos entrevistados. Ele é segurança, enquanto as águas não sobem, mas também é sinal de perigo, caso elas cheguem novamente transpassando a barreira e percorrendo o traçado da cidade.

“Hoje é difícil ver a garça subir”, com essa frase, Lidia Fernandes expressa sua angústia diante da possibilidade de nova enchente. Como citado anteriormente, o fato de a garça subir o rio, em busca de um lugar mais alto, é sinal de enchente da grande para os moradores do Pantanal. Para ela, esse fato é preocupante e sempre pensa no rompimento do dique, especialmente depois da enchente de 1988. Tem medo que não tenha tempo suficiente para sair da cidade, de todos entrarem em pânico e a água vir com muita força e o que poderá ser feito, a tempo, para ajudar a população. Ela acrescenta: “Tenho medo.

⁷⁰ Inocêncio Ferreira. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁷¹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁷² Idem

⁷³ Antonio Soria. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

Porque a água ela é muito forte, ela vem com força e você não tem como se defender da água.”⁷⁴

Cada um dos entrevistados, ao seu modo, expressa tamanha angústia. Esse é um assunto presente nas muitas conversas dos moradores, dos chalaneiros e pescadores que percorrem as margens do rio cotidianamente. Questionam a todos, como se fosse possível obter uma resposta tranquilizadora, que amenizasse seus medos. Foram-nos lançados os seguintes questionamentos, por dona Lidia Fernandes e por outros entrevistados: “Já pensou se o dique estourar? Nem fale que a gente morre tudo junto. Porque não tem como você sai. Se de repente estourar e vem àquela água com força, quem que vai te acudir? Quem que vai te socorre? Ninguém. O nosso medo é isso aí.”⁷⁵ Ela conclui: “Ah! Isso aí é. Por que a gente tá num poço por causa do dique. É muito quente, isso aí é verdade. Mas pelo menos a gente tá seguro da enchente que não vem mais. E agora acho que não sei se eles vão mexer, por que tem que mexer novamente. Por que tem lugares que tem erosão, e isso aí é um perigo.”⁷⁶ Novamente, o dique assume um papel dualista.

Como deixar de mencionar aspectos tão peculiares das narrativas que nos permitem entender, pelo menos em parte, as inquietações que permeiam o dia-a-dia dessas pessoas e, conseqüentemente, torna isso tão rico em detalhes, para nós pesquisadores? Como não buscar mais e mais informações que contemplem, em seu aspecto teórico metodológico, elementos capazes de criar respostas, ao menos em parte, para tais questionamentos?

Encontrar pessoas que, na singularidade de sua labuta diária, entendem que a enchente é um fenômeno da natureza, e também uma variação cíclica do Pantanal, assim como sua antítese as secas, onde suas conseqüências são trágicas, em função da ação do homem no ambiente, é gratificante para o pesquisador. Ouvir um pescador, que busca elementos da natureza para expressar seus temores, que atribui a esses elementos características humanas, ajuda-nos a mantermos a tessitura desse fragmento de história em processo de construção, desse mosaico de imagens que povoam folders e revistas. Imagens idílicas delineando o desejo de muitos em conhecer o paraíso das águas nominado de Pantanal. Ele sabe que a enchente é um fenômeno da natureza, mas ressalta que:

Até agora não tá passando mais, graças a Deus. Porque se vier de novo enchente vai ficar mal pra nois. Que de repente passa água pra cá, vem que matá todo mundo aí. Porque de repente passa o dique, a água vem com força, derruba o que acha na frente, mesma coisa que um choro de cachoeira né. Tem força, derruba até casa de material. Então desse daí que temo medo porque a gente perde o que tem por onde vamos fugir?

O temor para ele, tanto quanto para a maioria dos moradores, não está na força das águas em si, mas na ruptura do dique. Um rompimento seria fatal. A pressão das águas, a

⁷⁴ Lidia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁷⁵ Idem

⁷⁶ Idem

correnteza levaria tudo que encontrasse pelo caminho e, nesse caso, não seria apenas o caminho das águas. As marcas deixadas seriam da desolação total.

Em anexo ao relatório de supervisão, segue a ata de reunião realizada em 05 de novembro de 1982, onde constam observações e orientações referentes às análises das condições do solo e as dificuldades inerentes às condições climáticas da região e as dificuldades na execução da obra. Uma preocupação latente com relação às perfurações, alertando para o caso de encontrarem-se trufas (espécie de fungos, cogumelo de germinação subterrânea) ou raízes e areia fofa, as escavações deveriam ser suspensas e feitas às devidas reavaliações do projeto e revisão do traçado do dique. Um cuidado especial deveria ser destinado à parte do dique, próxima ao rio.

A posição mais crítica do dique é a paralela ao rio, seja pela menor largura da crista e da base, seja pela proximidade da barranca do rio, seja pela maior erosão que possa ocorrer. Por essa razão nesse trecho o dique deve ser construído com argila das escavações das valas.⁷⁷

A proteção proposta para o dique era uma cobertura de grama ou gramínea da região. Na análise dos engenheiros da obra, não havia estudos no que se refere à sobrevivência da grama quando submersa e, portanto, pesquisas deveriam ser feitas no próprio local, bem como estudos para verificação da ação das ondas sobre o talude. A ausência de alternativas de projeto evidencia a urgência de obter maiores informações e conhecer a resistência às águas pluviais. A implantação do dique vinha atrelada à necessidade de pesquisas e estudos, evitando possíveis complicações na obra, com o decorrer do tempo.

É quase certo que a argila compactada irá retrair e que fendas de tração por ressecamento vão ocorrer. É necessário, portanto proteger a camada de topo com material granular, ou pelo menos material solto. Estes materiais devem ser pesquisados pela fiscalização.⁷⁸

De acordo com o referido relatório, havia indicações de que, na margem esquerda do rio, em especial no trecho frontal à curva do rio, que é uma região de constantes erosões, já na margem direita fronteira é uma soma de deposição. Para tanto, faz-se fundamental ouvir os testemunhos dos habitantes da região, verificar os marcos históricos e pesquisar em antigas escrituras de terras para se ter uma ideia, pelo menos parcial, da velocidade do avanço do rio em relação às margens.⁷⁹

O dique deveria ser deslocado o máximo possível, dentro de limites para dentro e feita uma revisão imediata do seu eixo no trecho paralelo ao rio, nas áreas onde o

⁷⁷ MINTER/DNOS. Relatório de Supervisão de agosto a dezembro de 1982, nº 235-C. p 83.

⁷⁸ Idem, p. 84.

⁷⁹ Idem, p. 85.

deslocamento é possível. Desse modo proteger-se-ia a margem em trechos mais críticos, ou seja, paralelo ao rio, em face da menor largura da crista e da base.

Os estudos para a implantação do *Projeto do Sistema de Proteção contra Inundações na cidade de Porto Murtinho*⁸⁰, elaborado em 1981, passa por uma modificação devido às enchentes de 1982. Havia a necessidade de um reestudo estatístico das ocorrências de níveis máximos no rio Paraguai. Somente após esse estudo é que se poderia definir a cota de coroamento do dique. Um estudo dirigido dos canais de macro drenagem, alteração dos quantitativos, devido á mudança do dique e dos canais e correções nos desenhos considerando essas mudanças eram necessários para evitarem-se possíveis falhas no sistema de proteção, posteriormente.

As margens do rio Paraguai são uma preocupação constante das autoridades municipais. Apesar de ser um rio de planície e da pequena velocidade das águas, a ação do rio sobre as margens tem causado um contínuo processo de erosão. Há o assoreamento do rio em determinados locais. No relato dos moradores, é possível perceber a dimensão do problema, agravado pelo tráfego constante de pequenas embarcações e barcos hotéis, muito comuns no turismo. Alguns moradores lembram que, entre o Hotel dos Camalotes e o rio, existia um campo de futebol com dimensão padrão, que, lentamente, foi desaparecendo, engolido pela erosão. Nas proximidades da prefeitura, antes da construção do dique, a barranca do rio chega ao leito da rua. De acordo com os moradores, tudo contribuiu para o aceleração do processo erosivo, tanto o descaso das autoridades quanto dos moradores. E a partir da década de 1980, a situação se agravou, quando o Pantanal entrou nas rotas do turismo.

Para Conceição Montanheri, no entanto, a população local está mais atenta para as mudanças e o ônus que isso acarreta para o município.

O ruim que eu digo é que mesmo procurando preservar, mesmo procurando não destruir o rio e tudo que nele existe, acaba se, acaba havendo mudanças. E isso não da parte do povo daqui, dos que vem de fora. Por mais que você procure preservar, por mais que você procure não depredá, a pessoa é, querem tirar mais do que deixar.⁸¹

As alterações ambientais são acompanhadas pelos moradores com pesar. Nos relatos, é comum a preocupação com o lixo que vai, aos poucos, fazendo parte do cenário pantaneiro. O lixo abandonado pelos barcos de turistas que circulam pelas águas do rio Paraguai. Nesse leque de preocupações está a prostituição, que, em períodos de alta temporada do turismo, causa constrangimento para muitas famílias.

⁸⁰ MINTER/DNOS. Relatório de supervisão de obras, nº 191

⁸¹ Conceição Aparecida Montanheri. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

A opção por permanecer na cidade após as enchentes e não aceitar sua realocação em um local afastado do rio, não causa arrependimento. O recomeçar seria mais penoso, na avaliação de muitos.

Mas logo após a enchente de 1982 e a construção do dique, cuja conclusão se deu em dezembro de 1984, a cidade foi sendo gradativamente incluída nos pacotes turísticos e as mudanças se sucederam independente da vontade de muitos. Fica demasiado quente, aumenta a circulação de barcos no rio Paraguai com o incentivo ao turismo. A melancolia povoa essas lembranças no rememorar de um tempo ido, de uma pequena cidade onde todos se conheciam, formavam uma família, se ajudavam em mutirões e se divertiam nas festas e quermesses. Constatamos que muitas casas da cidade se encontram desocupadas. Servem como abrigo para barcos de turistas. Moradores cuidam dessas casas e recebem um salário pelo serviço prestado. Muitos moradores que vieram de outras cidades e fixaram residência em função de trabalhos desenvolvidos na sociedade, na administração local. As festas receberam outras roupagens e fez-se a releitura de eventos culturais, como o toro candil. Uma bricolagem reestruturando a cultura local.

O estranhamento e as modificações que não passam despercebidas. Na casa de Hipólito Soares, percebemos que estávamos diante de uma figura singular. Antes mesmo de iniciar a entrevista, descuidada, pisei no rabo do cachorro de estimação que estava deitado perto do sofá, em que estava seu dono meio que deitado, meio que sentado. Assim que o cachorro reclamou da pisada, ele ri faceiro e me diz: “Ih! Não vai mais casá, vai ficá solteira!”⁸² A entrevista não poderia ter começado de outra maneira. Foram muito importantes as informações nela contidas. Ao término de sua entrevista, quando me conduz ao portão de sua residência, sorridente e brincalhão do mesmo modo que nos recebeu. Surpreendeu-nos com colocações que soam mais como um desabafo. Apresenta-nos à cidade, vista de seu portão. Pergunta se a conhecemos bem e quando respondemos que estamos aprendendo a conhecer à medida que a pesquisa avança, ele nos interrompe e completa: “eu também estou reaprendendo a conhecer a minha cidade.”⁸³

Percebemos em sua entrevista que sempre foi uma pessoa que esteve envolvida em atividades comunitárias enquanto funcionário da prefeitura, professor e também nas atividades paroquiais como catequese e cursos de formação. Frente às modificações às quais está submetido cotidianamente, sente-se um estranho na sua cidade, “aqui na cidade todos se conheciam, hoje com o turismo se conhece pouca gente aqui.”⁸⁴ Atribui parte de suas angústias à velhice que, aos poucos, vai chegando, quando nos diz que “parece que

⁸² Hipólito Soares da Silva. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

quando a gente vai ficando velho, começa a achar tudo diferente. Parece que não conhece mais as pessoas, as coisas. Vai ficando sozinho e nem de casa quer sair mais.”⁸⁵

Na obra, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, a autora, ao analisar a memória como função social, salienta a medida em que adentramos num universo de informações cada vez mais crescente e imediata uma diversidade considerável do mundo social, regado por uma experiência e vivência profunda, pode chegar ao nosso conhecimento através da memória dos velhos. O que ocorre é um retraimento de tais narrativas, posto que são vistas como aborrecimento. Cercado de nostalgia, “o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo.”⁸⁶ Seu retraimento é justificado pelo não reconhecimento da cidade de outrora, aquela cujas imagens são cuidadosamente preservadas.

Nesse contexto, voltamos à leitura de Halbwachs, quando nos apresenta que a seletividade da memória está diretamente ligada às lembranças selecionadas. Não é apenas uma lembrança esparsa, e sim aquelas que estão intimamente ligadas a acontecimentos importantes para o indivíduo. Para o autor, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”⁸⁷

A seguinte concepção de memória nos é apresentada por Le Goff, ajustando-se perfeitamente ao que mencionamos sobre o rememorar melancólico do senhor Hipólito. Diz o autor: “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual revocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”.⁸⁸

A questão da realocação da cidade, da possibilidade de uma nova enchente, da constante manutenção do dique, do avanço desenfreado do turismo e da pesca predatória, é uma constante nas discussões dos moradores. É possível perceber que, assim como querem e desejam melhorias para a cidade, como, por exemplo, a geração de novos postos de trabalho, recusam as modificações que são impostas sem o seu conhecimento. Lutam pela manutenção das tradições locais como o toro candil, dos hábitos e costumes que se moldaram paulatinamente com elementos híbridos: indígenas e paraguaios compondo o *modus vivendi* do homem que reside nas bordas dos pantanais.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ BOSI, E., *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, 1994, p. 83.

⁸⁷ HALBWACHS, M., *A Memória Coletiva*, 1990, p.71.

⁸⁸ LE GOFF, J., *História e Memória*, 1996, p. 453.

A vida cotidiana ligada à natureza, ao uso de plantas em receitas medicinais caseiras, ao hábito de olhar o movimento das águas às margens do rio Paraguai, são elementos que não podem ser desconsiderados na análise da questão acima descrita. Nogueira apresenta um aspecto importante dessa relação no que tange à utilização das plantas.

A natureza, como dizem os peões, é uma clínica. Onde todas as ervas e plantas, tanto as caseiras, quanto as nativas, são um “santo remédio” e, às vezes transformam-se em coisas sagradas, tal é a crença no poder de cura, através de remédios extraídos não só delas, como também da graxa de bichos como peixes, sucuri, capivara e jacaré.⁸⁹

O universo místico pantaneiro abarca em seu interior o uso de plantas, como, arruda, guiné e espada de são Jorge, que costumam ser plantadas junto ao portão de entrada de suas casas para afastar o mau olhado, a inveja. Plantas são utilizadas como pontos referenciais de orientação na locomoção e no desenvolvimento das atividades, como a pesca, a lida com o gado e na condução das chalanas. Além da superstição com as plantas, as aves e animais guardam aspectos de presságios e sinais. Como observador do comportamento de animais e plantas, avalia se as condições são propícias para períodos de secas ou a possibilidade de cheias nos pantanais.

Elementos que garantem a continuidade e a especificidade do ambiente, margeando com novos elementos. Certas expressões da língua, elementos do vestuário, da culinária, da música, das festividades, são incorporadas pela população. Elementos que funcionam como importantes articuladores da interação do grupo. Portanto,

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma a sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta as coisas materiais que a ele resistem. [...] Não é o individuo isolado, é o individuo como membro do grupo, é o próprio grupo que, dessa maneira, permanece submetido a influencia da natureza material e participa de seu equilíbrio.⁹⁰

Se, para o pantaneiro, o rio Paraguai é o Nilo brasileiro, nada mais normal que agigantá-lo, mantendo seu dinamismo. A troca de informações, os devaneios, ao reavivarem os mitos, permitia uma convivência com o outro e com o ambiente no qual estavam inseridos. A necessidade de permanecer na beira do rio como uma forma de manter o costume de tomar banho de rio nos fins de semana e pescar à noite. Envolveia todo um ritual de preparação que vai desde a escolha do anzol ao preparo da isca de massinha de trigo. Pescar, ou não, era irrelevante, o convívio, o contato, o encontro com o vizinho ou conhecido consistia em fator relevante. Uma paisagem encantada, que não cabe na descrição em palavras, essa é a imagem do Pantanal para os murtinhenses.

⁸⁹ NOGUEIRA, A.X. *A linguagem do homem Pantaneiro*, 1989, p. 31.

⁹⁰ HALBWACHS, M., *A Memória Coletiva*, 1990, p. 133.

Segundo Halbwachs, o lugar que um indivíduo ou grupo ocupa não tem a mesma função de uma lousa, onde são escritas e apagadas as experiências do vivido. O lugar contém as marcas deixadas pelos indivíduos e vice-versa. Aspectos, detalhes que são inteligíveis para o grupo, posto que correspondam a outros aspectos diferenciados da vida em sociedade dos indivíduos e da estrutura social em que se inserem.⁹¹

É notório que, mesmo na labuta cotidiana, nas distâncias e nos períodos de enchentes e estiagem prolongadas, ainda, assim, a predominância da ideia de paraíso, sorrateiramente se faz presente nos discursos dos nossos interlocutores. Um torvelinho de continuidades e rupturas na relação do homem com a natureza, do homem com a cultura. Através das narrativas, somos convidados a percorrer caminhos que sequer ousamos contestar, ao contrário, nos lançamos sobranceiros⁹².

Não podemos, aqui, deixar de recorrer a Silva Leite, quando extrai passagens de obras como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, para tentar explicar o que seria esse imenso mar de águas.

Cerrados, florestas, alagados, num tempo tudo seco, noutra, tudo água. O que era terra se faz água, o que era água se faz terra, às vezes fogo. Mas é a água que regula, movimenta, organiza. Barco, batelão, lanchas passam barulhentas ou silenciosas entre máquinas fotográficas, filmadoras e olhares curiosos e atentos. Pescadores de vida, pescadores de fim de semana, mulheres cor da terra, agachadas limpando peixe, lavando roupa, mulheres loiras, estrangeiras, todos se acenam timidamente no trajeto. Um olá de muitas línguas, Babel de águas. No reflexo das águas há sempre um outro céu. Céu às avessas. O céu, talvez, de um outro mundo.⁹³

Se, por um lado, na enchente de 1979, quando os moradores são avisados sobre a possibilidade de uma grande enchente superior à de 1959, se recusam a deixar suas casas, abandonar, em partes, seus pertences, por outro lado, acreditam que, por mais uma vez, vão superar os limites impostos pelas águas e, com isso, somente saem quando a água já está dentro de suas casas. Muitos saem sem acreditar que isso era realmente necessário. A água chega de mansinho, entra pelos fundos, sorrateiramente, como um intruso, enganando os olhares que se encontravam fixos no limite do rio Paraguai, que, silenciosamente, escondeu, nos níveis de suas margens, suas pegadas. Conviver com o risco das enchentes, essa é a realidade de Porto Murtinho.

O hábito de ir à barranca do rio observar o movimento das águas que, com seu bailado frequente, lapida a terra e a carrega para as entranhas do rio. Ver se o rio está subindo, é como dotá-lo de pés, atribuir-lhe características especificamente humanas, trazendo-o para o seu universo cotidiano, não se permitindo o distanciamento. O movimento

⁹¹ Idem. p. 133.

⁹² Dicionário Houaiss: que tem animo forte para resistir aos reveses da vida.

⁹³ SILVA LEITE, M.C., *Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 2003, p.35.

da vegetação com o vento, dos animais, são elementos compositores de uma peça reprisada cotidianamente, cujos encadeamentos dos atos são rebuscados nas memórias de um passado compartilhado coletivamente.

Era assim que meu pai falava pra mim. Depois que crescemo, crescemo, crescemo, vivendo que é verdade, né. Acreditei que foi verdade que quando o biguá vai descendo o rio, ta procurando a crescente do rio, e quando ta subindo ele vem trazendo a seca, assim ele falava. E quando o camalote ta muito descendo é por que vem água, e assim meu pai antigamente diz. E quando vai chove, quando vai chove tem um grito de siriema. Quando canta muito siriema é por que ta perto o temporal. Meu pai falava.⁹⁴

Observamos que a leitura do ambiente através de sinais indiciários, nessa região, está articulada com uma preocupação em preservar elementos que aproximam o homem da natureza como uma maneira de continuidade, integrando a dinâmica do ambiente.

A garça é engraçado, por que quando a garça vai subindo pra cima a gente já falava que vai ter enchente. Eles tão procurando um lugar alto. E nós ficava olhando também a garça. Era muito bonito por que por aqui era muito difícil de aparecer. Agora garça sim, era toda tarde, vinha e muito, e nos já falava se prepara que vem enchente que a garça ta procurando lugar mais alto.⁹⁵

Modificou-se o ambiente, modificaram-se as relações, embora, sejam perceptíveis para quem chega. Passar por tais experiências, para muitos moradores, significa fazer parte da história da cidade. Passar para as novas gerações um conhecimento único que, se não for preservado, se perderá com o tempo. A lástima do senhor Hipólito, que citamos anteriormente, pode estar centrada nesse aspecto.

Se, de acordo com Pollak, a memória é seletiva, nem tudo fica registrado, a seleção do que convém ser mantido reside no que é de interesse e importância recordar posteriormente, ou seja, a seleção de fatos está diretamente relacionada com a perpetuação de fatos significativos para o agente da memória, das minudências, dos fragmentos de lembrança. Embora, “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.”⁹⁶ A necessidade individual, a vivência una é que delinea a memória, significando-a, portanto essa não é generalizada e, sim, multifacetada.

O dique é um elemento presente nas muitas narrativas que, no decorrer deste estudo, coletamos, no entanto, cada um atribui e lhe confere o status que lhe é conveniente para aquele momento. Segurança, incerteza, elemento divisor, símbolo do descaso do poder público, enfim, atribuições que sugerem sua presença, enquanto elemento

⁹⁴ Antonio Sória. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS.

⁹⁵ Lídia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Porto Murtinho, MS

⁹⁶ POLLAK, M., *Memória e identidade social*. 1992, p. 203.

modificador, seria o intruso no paraíso, assim como tantos outros elementos alheios ao ambiente, à paisagem local. Argumentos nos quais é possível verificar a existência de confrontações.

Evidenciando ou não contradições entre o que se sabe e o que se diz. Demonstrando que o que se diz opõe-se à imagem que se faz, evidenciando as confrontações entre atos, afirmações e a imagem posta à vista. Faz-se pertinente salientar, segundo Ferreira, que “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.”⁹⁷

A inauguração do dique é ponto de destaque, é pertinente destacar. Na fala de muitos moradores, “a placa ta lá”, mas não foi inaugurado. Atribuem a isso o descaso na manutenção. O professor Firmo, referência de informação sobre a cidade, indicado pela Secretaria de Turismo como a pessoa que mais conhece sobre a cidade, faz a seguinte colocação:

Houve uma enchente já depois do dique pronto. O dique ficou pronto em [19]84, começou logo depois da enchente de [19]82 e ficou pronto em [19]84. Dezembro de [19]84 deveria ser inaugurado, mais por fatores, por fatores governamentais e de mau tempo, que não permitiu a equipe do governo federal vir aqui, então nunca foi inaugurada essa muralha aí. Não houve uma inauguração, embora tenha placa ali, na Praça Laranjeira, tenha placa, mas na verdade nunca foi inaugurada.⁹⁸

Convém salientar que o impasse na inauguração do dique, esteve atrelado a fatores políticos em âmbito Federal. O término da obra se dá em dezembro de 1984 e, como é sabido, em 1985, é desencadeado o movimento pela redemocratização política, no Brasil, que ficou conhecido como “diretas já”. Houve a mobilização e a participação popular nas diversas cidades brasileiras, culminando com a realização de um ato público, em Goiânia. Em abril de 1984 aconteceu a votação da emenda apresentada pelo deputado Dante de Oliveira, que foi rejeitada pelo Congresso. Com um alto índice inflacionário e períodos de recessão, o governo militar apresentava sérios problemas e, em janeiro 15 de 1985, Tancredo Neves foi escolhido pelo Colégio Eleitoral, pelo voto indireto, à presidência da República, sinalizando o fim do regime militar. O primeiro semestre de 1985 é marcado pela morte do então presidente eleito e a vacância do cargo é preenchida, em 15 de março de 1985, pelo vice-presidente José Sarney. Em setembro desse mesmo, ano inicia-se a elaboração de um anteprojeto de Constituição.

Havia um clima de instabilidade partidária, e sérias discordâncias entre partidos e seus membros, isso em âmbito nacional, o que não excluía o Estado de Mato Grosso do Sul. Esses fatos podem estar diretamente relacionados com a não inauguração do dique.

⁹⁷ FERREIRA, M. M., *História oral: um inventário das diferenças*, 1994, p. 8.

⁹⁸ Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Porto Murtinho, MS

Observável no relato do professor Firmo, quando ele diz: “por fatores governamentais”, referindo-se a questão política do momento.

Observar a instabilidade presente no cotidiano da cidade e entender que nos meandros da cidade, a confluência das opiniões é fato. Mudanças, apropriações e desapropriações na composição da história de cada um dos moradores. Minudências guardadas, de tal modo que, agora, quando suscitadas, vêm à tona carregadas de melancolia, porém reorganizadas de maneira que permitam a leitura dos fatos de acordo com o presente vivido. Citamos, como exemplo, a dúvida de Ninfa Avelar, ao nos apresentar sua casa, seu quintal - o seu cantinho, como ela chama carinhosamente, onde encontramos uma variedade considerável de ervas medicinais por ela cultivadas.

Ela nos diz:

Como disse, que a gente, como vou te explicar isso aí... a gente gosta daqui, não é por que a gente quer mudar por causa justamente dessas ameaças que acontece. A gente quer mais uma segurança melhor. A gente fica assim: Ah! Vou fazer a minha casa! Ah! Não sei. O que é muito difícil. Vem ai, eu vou, aí vem esse troço. Ah! Vem enchente. Ai totalmente você já muda, não quer investir, entendeu. É isso que eu penso (...) é a natureza, como você sabe. Como fala aquele negócio tanto bate até que fura. Um dia volta, é como eu te falei.⁹⁹

Relata que, na enchente de 1988, quando foi até o dique para ver como estava a situação do rio, encontrou um tenente do Exército que comandava o pessoal que fazia a ronda para verificar possíveis problemas na obra recém construída. Já havia a necessidade de manutenção da bomba e sinais de uma erosão crescente nas margens do rio Paraguai, próxima à rampa de acesso. De acordo com ela, conversaram longamente sobre o perigo de uma nova enchente, que ultrapasse o nível da barreira. O ponto da conversa que, para ela, merecia destaque, era que o tenente deixou muito claro que era uma obra de risco, que, em caso de rompimento, não haveria possibilidade de socorrer as pessoas. O tempo seria mínimo para a remoção da população, o que resultaria em muitas mortes. Frente ao volume e a força da água, todas as tentativas seriam vãs.

Verificamos que ao falar, não apenas ela, mas praticamente todas as pessoas que entrevistamos, ao cogitarem a possibilidade de uma enchente em grandes proporções que rompesse o dique, havia uma inquietação, uma angústia, um comportamento agressivo, elevando o tom de voz, gesticulando muito, buscando com os olhos a identificação do espaço onde se encontravam. Sinais que o corpo emitia em resposta ao turbilhão de pensamentos que, por vezes, as palavras se recusavam a expressar, restando apenas gestos e mais gestos perfilando o vazio.

Para alguns dos nossos colaboradores, rebuscar nas memórias os momentos áureos da cidade, o descortinar de um cotidiano singular e hospitaleiro, das experiências vividas

⁹⁹ Ninfa Amada Ovelar Ayub. Entrevista em agosto/2008. Porto Murtinho, MS

com o deslocamento nas cheias para a cidade de Iona, mencionar o dique como elemento constitutivo das memórias, trouxe o desconforto. A possibilidade de mudar a cidade, a indefinição quanto à tomada de decisão sobre a construção do dique, a mudança na planta inicial, todos esses fatores vêm à tona e transformam não apenas as memórias, mas as palavras, os gestos. Características marcantes de um imaginário habitado por seres surreais afloram e margeiam as narrativas que procuram reproduzir, reconstituir os fatos, as experiências vividas.

Narrar os fatos é adentrar num labirinto de minudências, sem racionalizar as emoções, no entanto, sem desconsiderar interesses intrínsecos. As memórias não são iguais, tal qual impressões digitais. Encontramos-nos aqui diante de uma questão expressa por Portelli quando no uso da metodologia da História Oral onde essa

[...] tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.¹⁰⁰

Considerando que a memória é historicamente condicionada, sendo progressivamente reelaborada, as narrativas permitem uma reflexão acerca dos papéis desempenhados pelos indivíduos na construção da história da cidade, especialmente no que se refere às enchentes e à barreira de contenção. A seletividade na narrativa das memórias, especificamente quando falamos da construção do dique de contenção das águas, é significativa, adentrando a questões políticas e econômicas, quando do ponto de vista de muitos moradores, suas opiniões foram relegadas a um segundo plano, sendo eximidos das discussões. Faz-se pertinente recorrer a Pollak, ao apresentar a seguinte análise, escrevendo sobre a organização da memória.

[...] a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a *memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.¹⁰¹

Auxiliar na construção do alojamento provisório, no deslocamento da população, na manutenção da ordem e limpeza do local, no trato com as crianças, no plantio de horta comunitária, salvar os animais da correnteza, foram atividades desenvolvidas mediante a necessidade imediata do indivíduo. A enchente assusta, provoca deslocamentos, prejuízos materiais, no entanto, sua ocorrência leva à unidade do grupo diretamente associado a sua permanência e identidade com o rio e planície pantaneira. A perspectiva de retorno está

¹⁰⁰ PORTELLI, A., *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, 1997, p. 16.

¹⁰¹ POLLAK, M., *Memória e identidade social*, 1992, p. 203-204.

ligada à renovação do meio ambiente no seu recomeço enquanto morador urbano no Pantanal. Seus valores são postos á prova e suas resistências testadas paulatinamente.

A vivência diária por um período de seis meses nos alojamentos e adjacências reconfigura as imagens que esse homem tem do Pantanal. O limite não vai além de um mar de águas, cuja linha divisória no horizonte é tênue, extrapolando os seus limites. As imagens da planície pantaneira são encobertas pela neblina e pela chuva fina e constante, fazendo com que esse homem habituado com tais imagens, rebusque-as em sua mente e, a partir daí, reconstrua novas imagens e ressignifique seus valores, desenvolvendo estratégias que permitam sua permanência e continuidade nos pantanais.

Contexto esse que nos leva ao entendimento de que a ligação entre memória e identidade é estreita e permite uma articulação entre ambas. Conseqüentemente, possibilita entender que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹⁰²

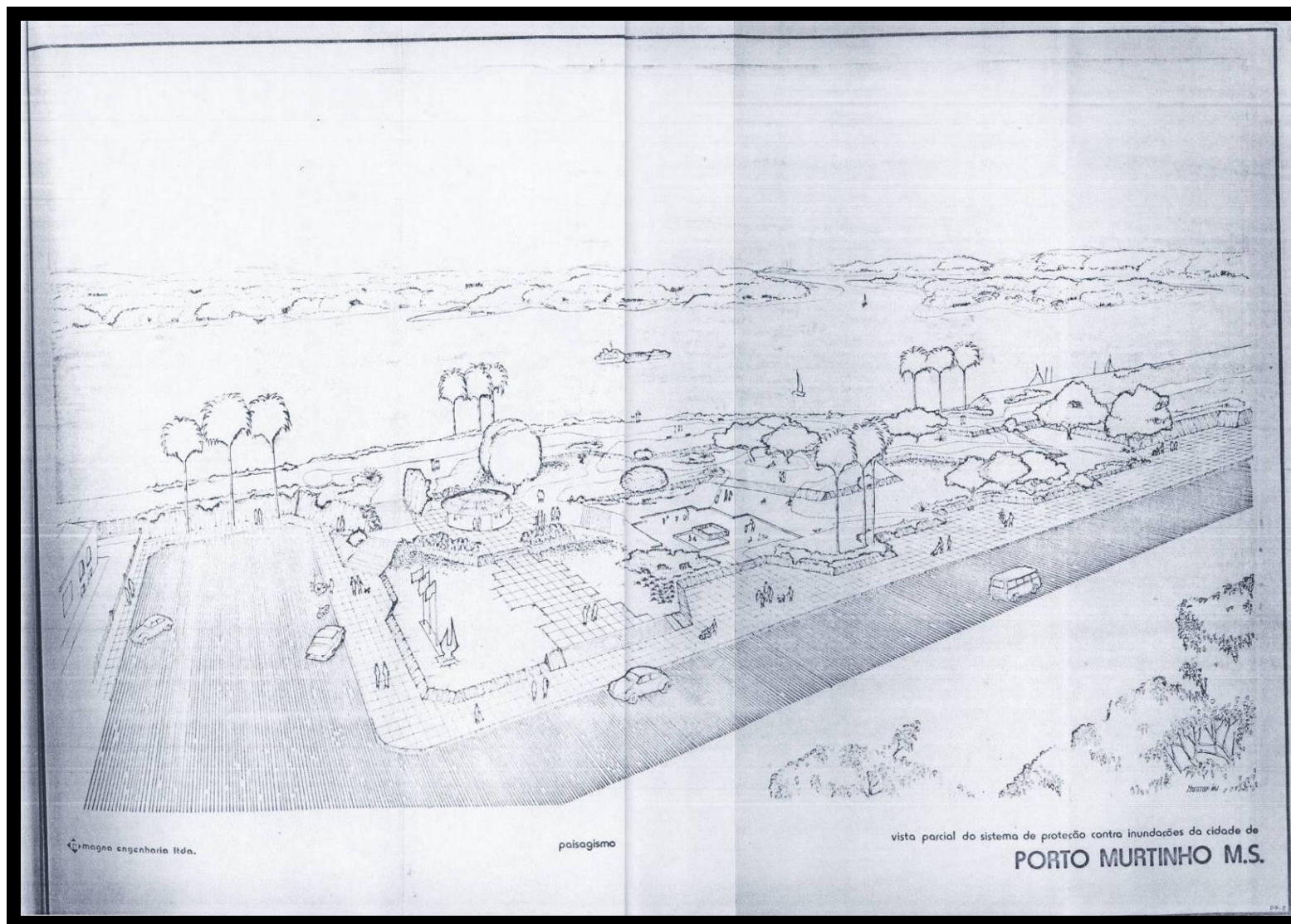
A construção de uma barreira de contenção de águas surge como um novo elemento na constituição das imagens. Tem sua aceitação e rejeição vinculadas aos interesses vigentes, para o momento, gerando ambigüidade. A imagem da cidade mutilada pelas águas é refeita à medida que a possibilidade de rompimento da barreira assusta ante a manutenção desejável para ela. A desolação causada, em momentos anteriores, quando nas grandes enchentes, não suplanta o medo do rompimento e o desejo de permanência às margens do rio Paraguai.

As narrativas das experiências vividas pelos sujeitos, levam-nos a recriar mentalmente as imagens, a rememorar os acontecimentos tangenciados pelo presente. Não há artifícios que suplantem a modelagem das narrativas, e amparados nas palavras de Bosi, entendemos que “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa o transmitir ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma.”¹⁰³ Voltar o olhar para o passado, para suas memórias tendo como cenário um mosaico de imagens que ora se interpõem para, em seguida, justapor-se na construção de suas narrativas, é um fenômeno de grandeza sem igual, cujas particularidades são os fios tênues que articulam a tessitura desse fragmento de história que iniciamos, mas está em permanente construção.

¹⁰² Idem, p. 204.

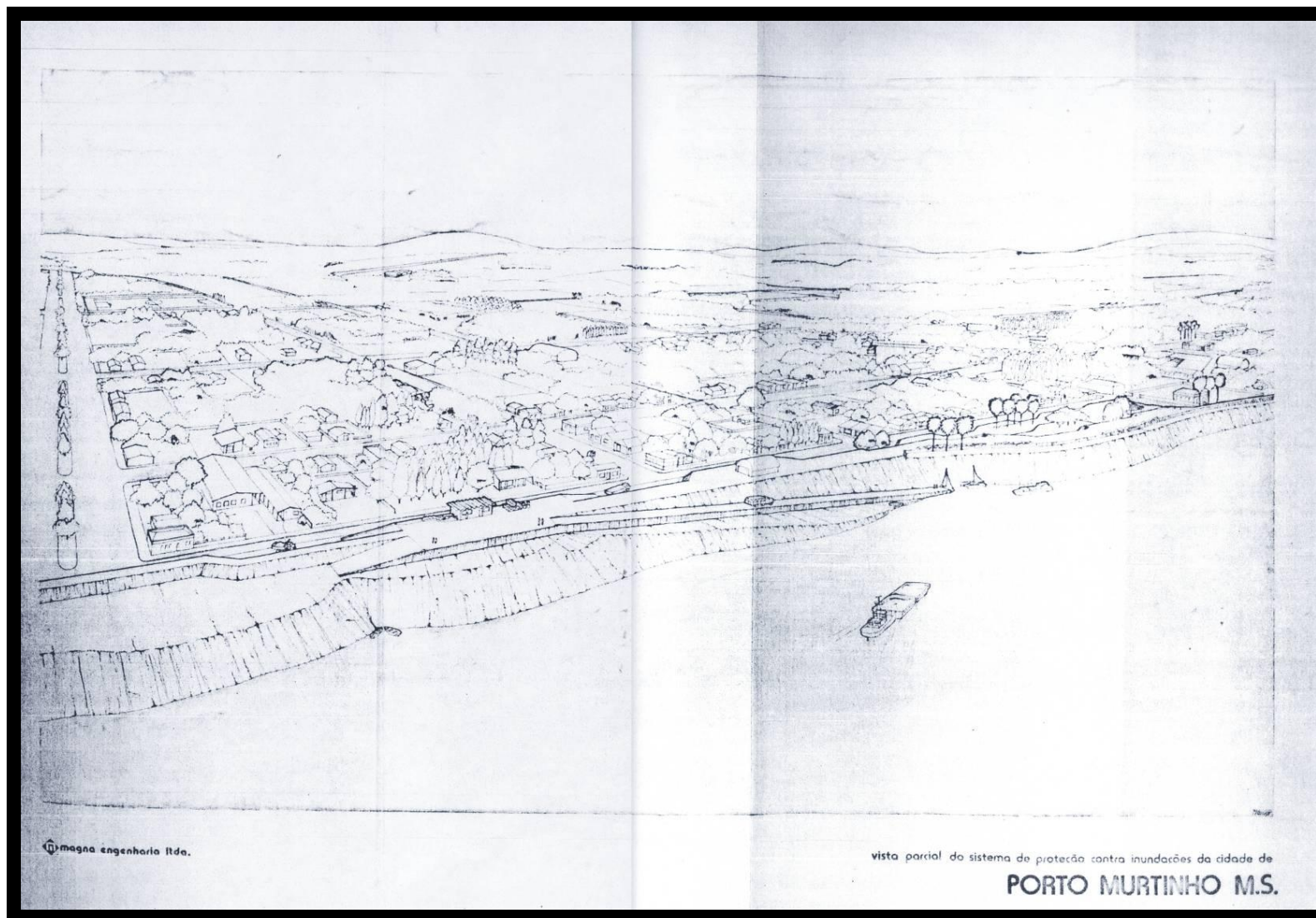
¹⁰³ BOSI, E., *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, 1994, p. 88.

Figura 02 – Projeto inicial do paisagismo - 1981



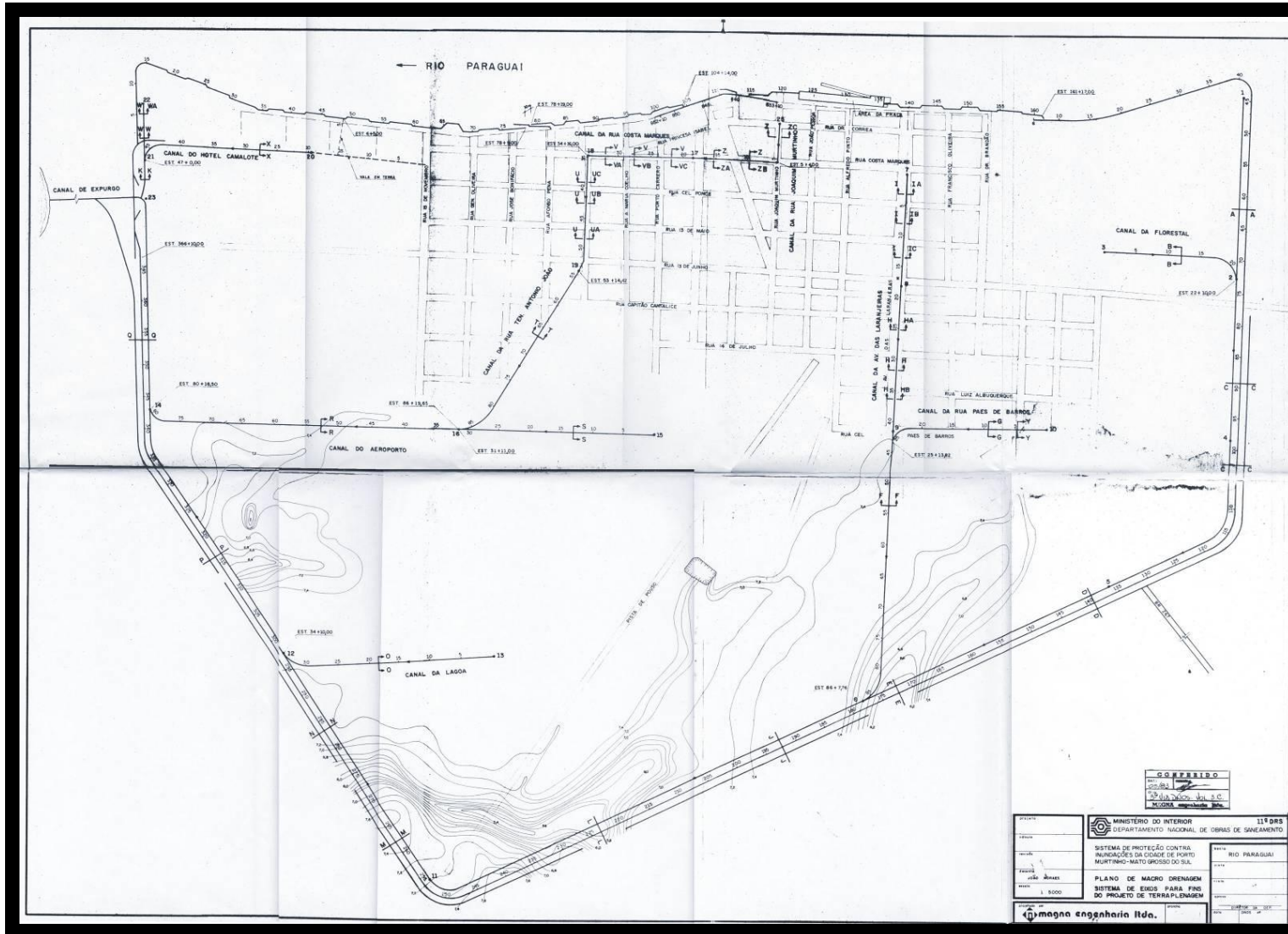
Fonte: Arquivo AGESUL

Figura 03 – Projeto inicial das rampas de acesso - 1981



Fonte: Arquivo AGESUL

Figura 04 – Planta inicial dos contornos da barreira de proteção contra as inundações - 1980



Fonte: Arquivo AGESUL

Contornos da barreira contra inundações na cidade de Porto Murtinho

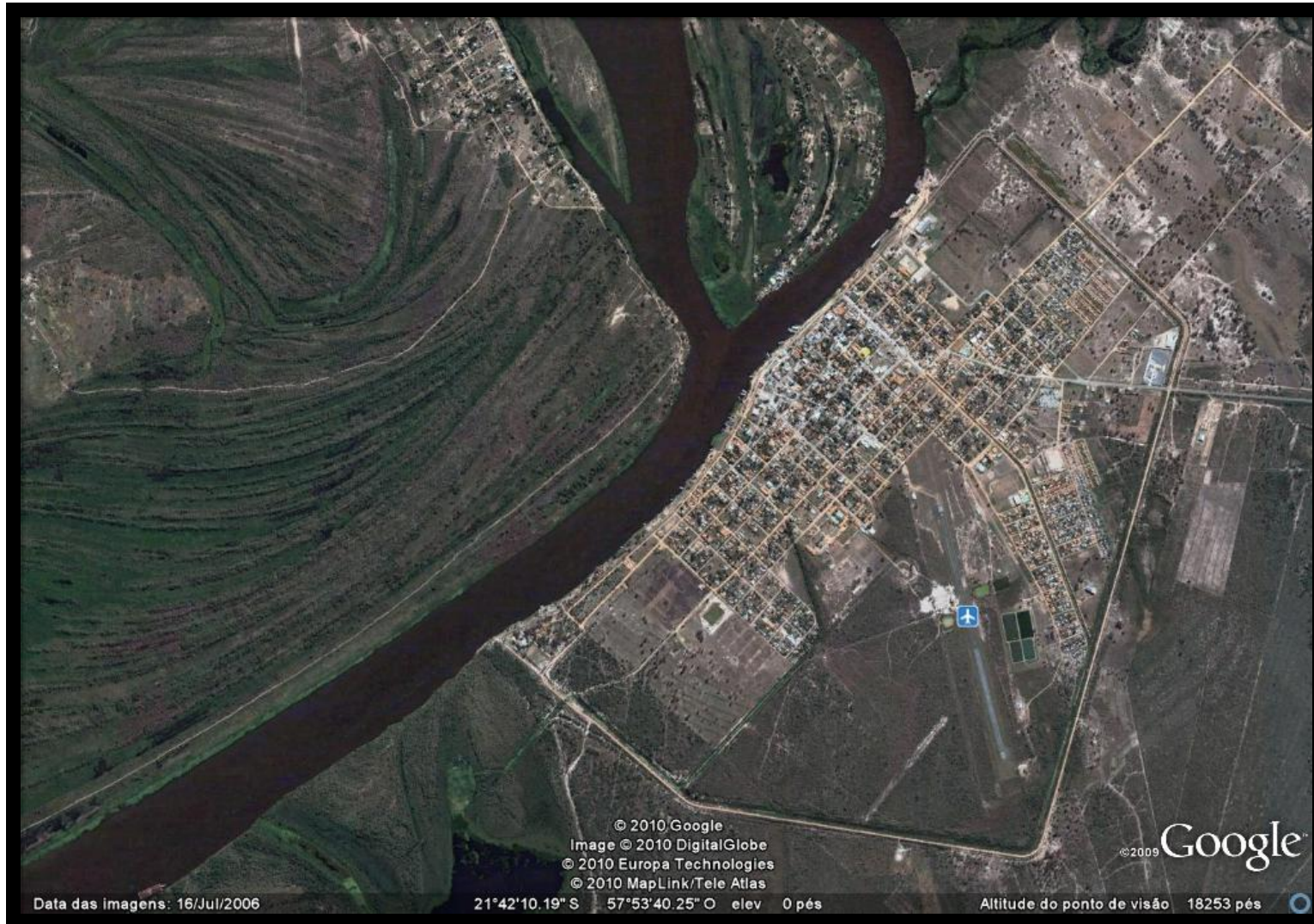
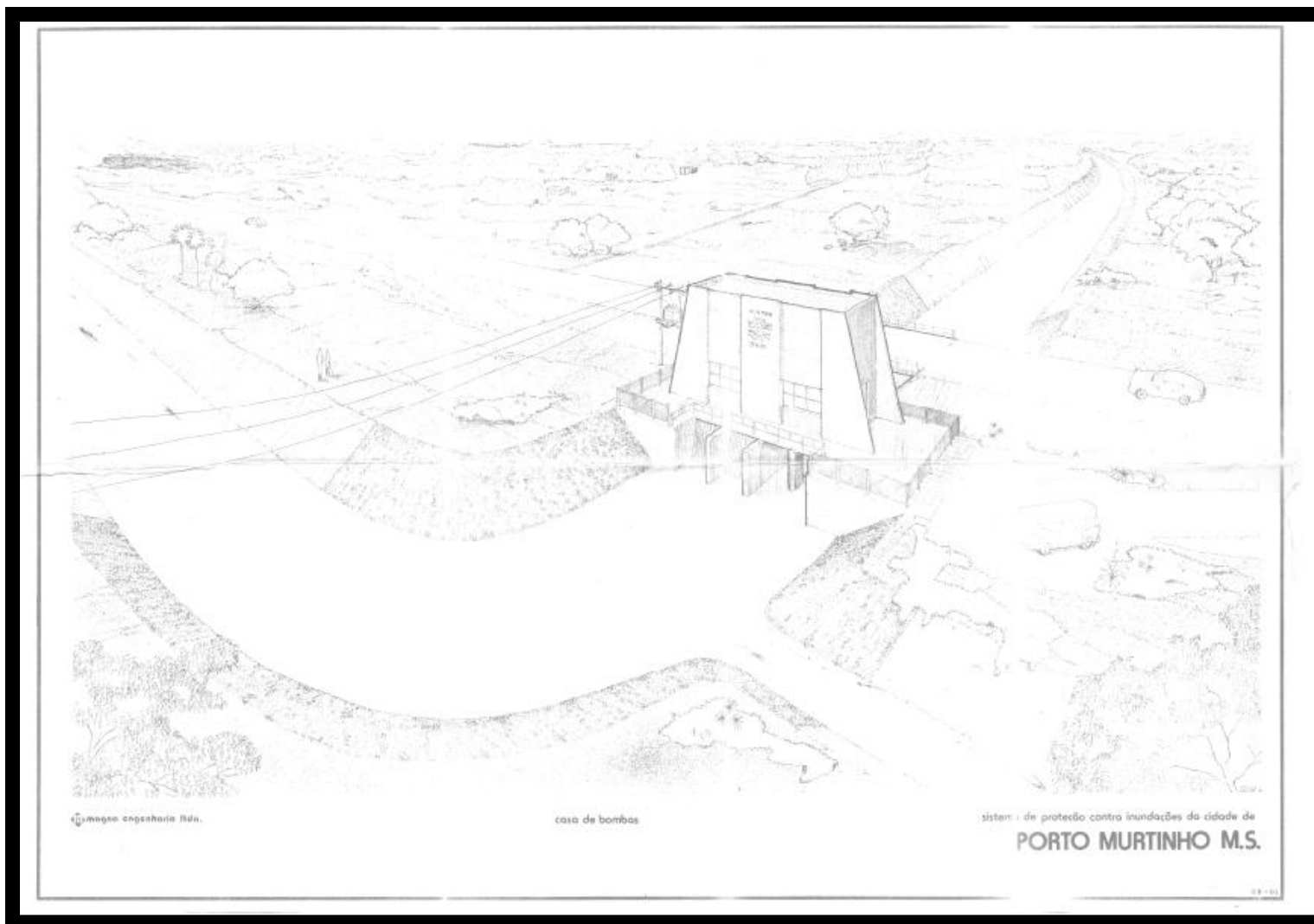


Figura 05 – Projeto inicial da casa das bombas - 1981



Fonte: Arquivo AGESUL

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Várias vezes, no decorrer da elaboração do texto, perguntamo-nos: Como construir a história de Porto Murtinho e das enchentes, por meio da voz de seus moradores? Como é possível traduzir em palavras, as imagens mentais que se formam no lembrar e escorrem através das narrativas? Como conhecer as construções mentais que permeiam um imaginário que esconde em seu interior seres transcendentais e, o receio de uma grande enchente? Sabedores de que na narração da experiência vivida, quem conduz o discurso é o narrador e, enquanto pesquisadores, apenas oferecemos o encaminhamento da narração, sem interferências. Apresentamos a temática, mas cabe ao interlocutor manter ou não o fio condutor do diálogo contemplando aspectos que nos são caros no desencadear da pesquisa.

A presença humana na planície pantaneira, nessa teia de relações que envolvem homem, sociedade e natureza, provoca inúmeras mudanças. O espaço foi, paulatinamente, modificado, a paisagem é constantemente alterada. Nesse contexto, percebemos que a paisagem física e a paisagem humana possuem história que se mantém preservada e inscrita na memória daqueles que tecem essa rede de relações. Homem e natureza fazem parte de um sistema que se enreda e se recompõe, confluindo numa unidade que podemos, aqui, denominar de original.

Elementos distintos, próprios da região, como o universo místico que permeia toda a planície pantaneira, permitem o entendimento e a leitura da natureza que contribuem para que o homem inserido nesse espaço opere um conhecimento empírico que o “educa” para as surpresas da natureza. Seu desejo de conhecimento está atrelado ao desejo de dominar sem, contudo agredir. É contemplativo e observador, mas, também, ágil e oportunista e preciso em suas decisões. Faz escolhas, é consciente das suas necessidades. Respeito e prudência são seus aliados na labuta cotidiana nos diversos pantanais.

Determinadas informações e versões sobre as enchentes, sabíamos de antemão, mas é a oralidade que permite uma análise das narrativas, bem como uma pretensa compreensão de como a história local contempla, em suas características e modificações, o fenômeno das enchentes nos pantanais, mais especificamente na região de Porto Murtinho.

As enchentes que flagelaram a cidade, para nossa surpresa, não foram descritas como catástrofes. Houve prejuízos, desgastes físicos, mas houve também superações. Todas as narrativas levam à mobilidade, à busca de soluções, estratégias encontradas, como a construção de casas improvisadas, valorizando sua origem, a pertença do homem na planície inundável. Pessoas que conhecem e vivem na região e aprenderam a identificar-

se com ela. Suas práticas cotidianas, suas experiências de vida contemplam ensinamentos e perspectivas de continuidade.

Analisar, em suas particularidades, as características históricas em que o homem é integrante da natureza e do ambiente e, portanto, está em constante interação com o meio em que se insere, conduz a uma postura que auxilia na percepção de fenômenos inerentes à sua convivência no local. É importante entender que tais locais precisam ser compreendidos no contexto da história e da cultura que os caracteriza. Reflexões sobre as representações criadas para a planície pantaneira são necessárias. Enquanto uma herança da natureza, que envolve processos geomorfológicos, bióticos interligados com a história da humanidade e, não está imune às transformações, sendo um patrimônio coletivo. As afirmações de Ab' Saber, citadas no primeiro capítulo, apresentam o Pantanal como uma área de grande fragilidade, contemplando vários ecossistemas. Acrescentamos, nesse contexto, a fragilidade a que estão expostos os moradores da planície pantaneira.

Elementos da paisagem natural, cenas do cotidiano das pessoas que ali residem, da cultura estão reunidos em imagens que circulam no imaginário, cercados por vestígios de um passado que impressiona. Antigas propriedades, ruínas que dividem espaço com o cerrado, com o rebanho bovino, baias e corixos. As instalações de antigos saladeiros, cujas transformações permitem o deleite do turista. Respeitar o conjunto que mescla ingredientes culturais e espirituais, associados à paisagem natural auxilia no entendimento das características diferenciadas das costumeiramente conhecidas nos meios urbanos.

Porto Murtinho constitui-se um centro urbano, mas conserva traços inerentes da cultura pantaneira em seus hábitos e costumes. Suas lidas diárias e crenças privilegiam o contato com a natureza e participa das transformações socioambientais, seja na resignificação de um passado cultural, seja enquanto agente de inserção de novos elementos que propiciem a permanência na região. As intempéries da natureza como as enchentes exigem estratégias, criam-se alternativas, soluções paliativas como os jiraus, os alojamentos provisórios e/ou concretas como a construção da barreira para contenção das inundações. A leitura semiótica da natureza permite que mantenha um fio condutor das suas experiências cotidianas enquanto um morador urbano no Pantanal.

Priorizar a ocupação e o desenvolvimento de uma determinada região, não levando em conta a presença humana e a manutenção e a preservação do meio ambiente, considerando apenas suas potencialidades econômicas para a implantação de projetos desenvolvimentistas de sustentabilidade, que desconsideram ou desconhecem os processos de causa e efeito relacionados com as áreas impactadas, resultam em meras medidas atenuantes que em nada correspondem para a minimização de tais impactos.

Importante ressaltar que medidas avaliativas ou que venham para remediar os impactos ambientais sucessivos ao longo dos últimos 30-40 anos, nas áreas úmidas e

inundáveis do Pantanal, devem ser analisados de maneira isolada. A análise do impacto ambiental na região pode ser definida como processo de reconhecimento das causas e efeitos, considerando-se o fato de que o Pantanal é um ambiente de equilíbrio delicado e dinâmico de elevada produtividade biológica, cujo limite de aproveitamento deve ser estabelecido pelo homem em função de suas atividades produtivas e exploratórias pelo múltiplo uso dos recursos naturais, seja na agropecuária, na pesca, no turismo e demais atividades desenvolvidas.

A investigação de metodologias apropriadas para os estudos da avaliação desses impactos ambientais diretos, indiretos e cumulativos, no meio ambiente pantaneiro, carecem de uma associação de políticas e programas implantados, tornando possível o estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento sustentável. A implantação de elementos alheios ao ambiente, de elementos modificadores da paisagem natural necessitam do amparo de estudos específicos e concernentes a cada uma das sub-regiões do Pantanal.

As discussões suscitadas pela inserção da História Ambiental constituem-se em indicativo de resposta da sociedade quanto às questões ambientais postuladas nesta pesquisa. Ações individuais e/ou coletivas que procuram entender as transformações impostas ao meio ambiente, no decorrer do tempo, podem significar a prevenção dos impactos negativos produzidos pelo homem nos pantanais, possibilitando a reversão de alguns desses danos operados, contribuindo, assim, para uma consciência de preservação e conservação dos recursos naturais em áreas com características singulares, como o Bioma Pantanal, bem como auxiliar na compreensão dos resultados desse processo de trocas e interações em constante construção.

Críticas, quanto ao risco do reducionismo na realização de pesquisa, que envolvem a relação homem, sociedade e natureza, estão relacionadas ao fato de que o pesquisador que adentrar ao campo da História Ambiental pode incorrer no reducionismo ambientalista, utilizando o fator ambiental como determinante, sobrepondo-se aos demais fatores que estão implícitos ao tema pesquisado¹. Como exemplo, citamos a estrutura organizacional das comunidades, hábitos e costumes que, inseridos no universo mítico, propiciam saberes indiciários, norteadores do cotidiano de tais grupos. A solução, guardando ressalvas, na realização da pesquisa aqui apresentada, foi buscar a interdisciplinaridade, mantendo um diálogo com outras disciplinas, criando um campo comum de reflexão diminuindo o risco reducionista.

¹ LEONARDI apud MARTINS. M.L., *História e meio ambiente*, 2007, p.10.

Aspecto relevante para os estudos ambientais é uma redefinição de pressupostos espaciais explícitos e implícitos de uma história policêntrica e não apenas eurocentrista². Norteando essa redefinição conceitual, primeiramente fazendo conexões entre passado e futuro, incumbindo, nesse caso, o historiador ambiental a fazer um exercício político, substituindo a visão eurocêntrica, focalizando aspectos das regiões tropicais, entenda-se, da América Latina, e, posteriormente, contribuindo para um diálogo permanente entre as ciências naturais e sociais, reduzindo as fronteiras disciplinares delas. Admitindo uma mútua permeabilidade³.

Percebemos que, se houver um comprometimento dos historiadores e um diálogo entre as ciências naturais e sociais, será possível o desenvolvimento de novas pesquisas que podem “lançar luz” sobre aspectos como a racionalização das desigualdades sociais contida na mistificação do “progresso” no uso de tecnologias e outros mitos criados cotidianamente pela mídia, governos, empresas, ambientalistas, enfim, que envolvem os pantanais, ou seja, de todas as racionalizações produzidas como legitimadoras, de rejeição e/ou aceitação no presente.

O câmbio, entre homem e natureza, provoca a compreensão e estabelece uma relação mística pela natureza no Pantanal. Nesse sentido, esse homem desenvolve habilidades que permitam sua sobrevivência na região, onde as enchentes têm uma função vital de renovação. Processo, esse, que engloba o clima, a geologia, a hidrografia e que, juntos, atuam nos ecossistemas e nas suas modificações. Portanto, homem e sociedade elaboram e reelaboram formas de se relacionar com o mundo natural, de maneira que sua sobrevivência esteja assegurada.

As concepções contemporâneas a respeito do meio ambiente dão conta do surgimento de uma mentalidade, em que o homem moderno carrega consigo a culpa pelos males causados ao meio ambiente e, dessa forma, a questão da preservação ambiental ganhou cada vez mais espaço nas discussões entre as nações e organizações não governamentais e os mais diversos segmentos da sociedade civil. No entanto, o chamado ecologismo difundido não tem como base o surgimento de pura e simples conscientização ambiental mais profunda. O fato mais incômodo para o homem contemporâneo - a degradação ambiental – apresenta-se em elevada escala, sobretudo, quando analisamos a relação do homem com a natureza no decorrer do tempo, aliado ao avanço tecnológico da humanidade durante o século XX. Acrescente-se, ainda, a necessidade da exploração e produção contínua de alimentos e matérias-primas que permitam que essa tecnologia se mantenha em constante processo de descobertas.

² PALÁCIO, G., *História tropical: a reconsiderar lãs nociones de espacio, tiempo y ciência*, 2005, p. 2.

³ Idem, p. 2.

Diferentes concepções surgem com o objetivo de guiar, ou até mesmo minimizar a ação nociva do homem em relação ao meio ambiente. Nessas diferentes concepções, sobretudo aquelas que defendem que essa relação deve ser guiada pela ética. Cabe ao homem respeitar as demais formas de vida, sendo favorecida a coexistência entre homens e animais, e a natureza, como um todo.

Não perdendo de vista que essas concepções deram origem aos ideais de desenvolvimento sustentável, e encontram, na história da humanidade, o seu respaldo. Durante séculos o homem sempre percebeu a natureza como algo que esteve ao seu dispor, cabendo a essa, servi-lo. Além disso, quando pensada a natureza do ponto de vista do capitalismo, está sujeita à ação predatória do homem. Esse raciocínio torna-se mais relevante, quando os impactos ambientais estão diretamente ligados ao uso indiscriminado dos recursos naturais e na implantação de obras, como as barragens e, no Pantanal, especificamente, a Transpantaneira.

A complexa relação homem e natureza, consumismo e consciência ambiental, é uma problemática recente. Debates e discussões realizados não resultam em benevolência com o meio ambiente, prevalecendo sempre mais a questão econômica, em detrimento à conscientização. A relação do homem e natureza pede mudanças no comportamento do homem, que vê a sua vida pautada de acordo com os fenômenos da natureza, e, por vezes, sua história sendo contada em função da sua relação direta com o meio ambiente no qual vive, como no caso em tela – Porto Murtinho.

A ocorrência de cheias no Pantanal durante o século XX foi acompanhada mais de perto pelo homem, sobretudo daquele que tem sua vida ligada diretamente ao meio no qual vive e dele garante sua sobrevivência. No Pantanal, são peões, fazendeiros, pescadores e, em geral, todos aqueles que possuem uma relação mais direta com o Bioma Pantanal. As enchentes, em todos os pantanais, produzem significados marcantes na vida de seus habitantes. Das mais variadas formas, as representações, que cada um absorve, possuem traços incomuns e a maneira com que os ciclos das águas afetam a cada um, pode ser bastante diferenciadas. Através de suas narrativas, com suas experiências de vidas, foi possível entender como as enchentes se apresentaram nos últimos cinquenta anos, do século XX, no Pantanal.

As estratégias de sobrevivência fazem com que essa relação do homem pantaneiro com o meio ambiente, crie uma relação de respeito e de leitura das mudanças que vão sendo percebidas cotidianamente. Mudanças essas expressas através das alterações climáticas, dos desequilíbrios ambientais, da erosão e assoreamento dos rios, do atraso do período das cheias, bem como nos períodos de secas prolongadas.

A Lei 6.938/81 estabelece a Política Nacional do Meio Ambiente, tem por objetivo a preservação, a melhoria e a recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando

assegurar, no país, condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana. Sua aplicabilidade, em cursos emergenciais, vem deixando muito a desejar, quando se trata de ambientes específicos e singulares e no não alijamento do homem em regiões com especificidades distintas, como os pantanais. As bases para um possível entendimento dos impactos ambientais, provocados nesse bioma, envolvem, necessariamente, as condições climáticas, de relevo, do solo, do conjunto dos ecossistemas e, em maior grau, as ações antrópicas.

A construção de uma representação sobre o Pantanal, como paraíso ecológico, prejudica em muito a conscientização de sua preservação enquanto um conjunto de ecossistemas com características peculiares em cada uma das sub-regiões. A necessidade de uma nova atividade econômica trouxe, para os pantanais, o turismo. No entanto, as imagens construídas não condizem com a realidade das comunidades ali inseridas e com as atividades desenvolvidas.

Na década de 1970, os Pantanais tornam-se refúgios naturais, que preservam uma espécie de pureza e originalidade, sendo esse o paradoxo em relação às conturbadas sociedades urbanas. Noções de paraísos ecológicos surgem como mitos modernos e, nesse contexto, o Pantanal surge nesse cenário, como uma região na qual a sociedade, principalmente dos grandes centros urbanos, o identifica como refúgio, numa tentativa de fazer um contraponto com o modelo de vidas das grandes cidades.

O modelo de vida moderno e a invenção de um cotidiano exaustivo, nos grandes centros urbanos, cunharam, na sociedade, um modelo de vida artificial, seres cada vez mais distantes da natureza que fazem um caminho inverso, idealizando um modo de vida junto à natureza que se contrapõe ao ritmo das grandes cidades. A busca de paraísos ecológicos como forma de amenizar um cotidiano fatigante, no qual estão sujeitos à violência, poluição, miséria, entre outros males do mundo moderno. Em meio a tudo isso, novas concepções vão sendo elaboradas, entre elas a cidade começa a ser definida como algo ligado ao cansaço e à banalização, e, em resposta a isso, surge o debate cidade e campo, sendo, o segundo, recriado e pensado a partir da ótica de paraíso, representações de um santuário ecológico. Diariamente, surgem novas noções de paraíso, surge, a todo o momento, a redescoberta de novos paraísos.

No caso específico de Porto Murtinho, sub-região do Pantanal de Porto Murtinho e do Pantanal de Nabileque, o rio Paraguai nas grandes enchentes vai espalhando e inundando a planície pantaneira que, por conseguinte, abarca os perímetros dos centros urbanos que se desenvolveram ao longo dos anos na orla da planície. O rio Paraguai coloca o homem frente à sua limitação. Conhecer o meio em que se vive, garante sua permanência e mobilidade no local. Exige a busca de estratégias, de paliativos, no período das cheias, bem como de sua antítese, nos períodos de prolongadas estiagens.

As grandes enchentes na região representam uma soma de fatores. O rio Paraguai, e também seus principais afluentes, escoam do planalto para a região plana, cuja declividade é baixa e com uma capacidade reduzida de escoamento, provocando o estrangulamento na sua vazão. Quando se dá o encontro desses rios, no Pantanal, eles passam por uma redução de velocidade no curso das águas em função da declividade da planície e, associado a esse fator, a deposição de sedimentos, o assoreamento no leito, durante as enchentes, tem menor capacidade de escoamento a jusante que a montante, ocorrendo o extravasamento do volume de água para o leito maior, atingindo maiores ou menores extensões.

A construção de uma barreira de contenção de águas para impedir a inundação do centro urbano, estava calcada em estudos geológicos e hidrológicos, no entanto, à medida que as águas do rio Paraguai, agitadas pelo fluxo constante de embarcações, solapam suas margens, o risco de rompimento fica evidente. A construção do dique afasta a possibilidade das águas invadirem a cidade, mas associado a isso está o fator das mudanças climáticas que levam à fé de que enchentes, como as enfrentadas em 1979 e 1982, são muito remotas. Apesar dessa constatação, muitos ainda mantêm o hábito de olhar às águas, os pássaros e outros sinais indiciários que precedem as enchentes. A fragilidade da barreira de contenção está intrinsecamente ligada a uma falsa segurança que povoa o cotidiano do murtinhense.

A Agência Nacional de Águas, como entidade Federal responsável pela execução da Política Nacional de Recursos Hídricos, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, tem por objetivos planejar e promover ações destinadas a prevenir ou minimizar os efeitos de secas e inundações no âmbito nacional em articulação com o Sistema Nacional de Defesa Civil, lança mão de uma publicação onde constam as barreiras sujeitas a possíveis rompimentos, e como não poderia deixar de ser, consta em sua relação a barreira de contenção em Porto Murtinho. Fato incômodo para os moradores.

As narrativas viabilizaram o esclarecimento de trajetórias individuais e por dar atenção à história do cotidiano e da vida privada, por visar à história local, possibilitou-nos empreender uma análise das memórias de nossos colaboradores, tendo que enfrentar, necessariamente, a questão da subjetividade. A incorporação das experiências dos sujeitos a partir de suas narrativas fundamentou-se pela vontade de uma história crítica, consciente e democrática.

Estudos existentes sobre o cotidiano e o intento desta pesquisa demonstraram uma ligação íntima e uma inegável cumplicidade entre o objeto de pesquisa e os debates contemporâneos sobre a relação homem e natureza. As suas práticas cotidianas, na organização e reorganização desse espaço e valores a ele agregados, possibilitando uma perspectiva de inserção num campo de discussão historiográfica, onde os sujeitos vivendo

em temporalidades diversas, moldando novas relações, experimentam novas práticas de convívio que os constroem como sujeitos cuja “identidade” está no rio, nos pantanais.

Como elemento constitutivo a “cidade de lona”, a população inserida em um novo modelo de sociedade, manteve os laços de sociabilidade organizando-se de forma que propiciou o provimento de sua subsistência e constituiu novas relações com a cidade tomada pelas águas. Deu-se uma nova reelaboração de valores e a constituição de um novo grupo social, em uma “nova cidade”. O espaço ocupado pelos sujeitos na “cidade de lona” já foi o mesmo espaço ocupado no meio urbano tradicional. Relações e práticas culturais foram revistas, houve a necessidade da elaboração de novos valores e o estabelecimento de diferentes laços de sociabilidade, suplantando as diferenças.

Alguns valores foram mantidos, enquanto outros se modificaram, ao passo que a própria cidade foi modificada pela ação das águas. A cidade sendo um espaço complexo de relações onde “a descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os micro estímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham.”⁴

A reconstituição das trajetórias de vida desses sujeitos contribui para a elaboração da história de um pequeno centro urbano, demonstrando o fazer-se urbano, é uma constante de elaboração de valores pelos moradores que integram a pequena cidade, paraguaios, indígenas, murtinhenses, enfim, como eles se definem, pantaneiros. Independente da designação adotada, todos estão inseridos, compartilhando e questionando um cotidiano pautado, no processo de modernidade pensado para o Pantanal.

Percorremos, através das palavras, trajetórias que compreendem os valores elaborados, as experiências vividas em espaços paralelos. A importância da construção do dique de contenção formulando uma nova visão da cidade e dos múltiplos agentes de mudanças que ela constitui. A revisão bibliográfica assinalou que nada consta na historiografia que esteja relacionada especificamente a esse tema, tratando-se, portanto, de um objeto que, no campo da pesquisa, fomentou a abertura para novas pesquisas envolvendo a região da qual tratamos, cuja proposta esteve diretamente ligada à historiografia sul-matogrossense.

Conclui-se, parcialmente, que o entendimento das enchentes, como um fenômeno natural do pantanal, exige que estratégias sejam desenvolvidas e executadas pela população que ali vive. No caso específico de Porto Murtinho, tais estratégias suscitarão a construção de um espaço urbano provisório – cidade de lona - e uma ação por parte do

⁴ MOLES apud PESSAVENTO, S. J., *Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano*, 1995, p. 279-290.

poder público com a construção do dique de contenção das águas. A relação do homem com a natureza perfez caminhos diferentes em dois momentos distintos. A necessidade do deslocamento e a construção do dique de contenção que atuam como elementos modificadores do cotidiano nessa relação. Analisar e buscar o entendimento nesse processo de interação e movimento, tanto do homem quanto das águas, foi como juntar vários elementos distintos em campos também distintos e construir uma parte da história dessa população em sua heterogeneidade.

Enquanto sub-região do Pantanal, limítrofe com o Paraguai, ocorre uma convergência não apenas dos sujeitos, mas, também, de valores, crenças e práticas para a permanência dos sujeitos nesse espaço, cujo rio atua como ligação e/ou separação entre dois povos. Noção fundamental foi entender a cidade como um espaço heterogêneo construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada, pronta e acabada, mas está em movimento, em constante transformação pela ação dos diversos e múltiplos atores que, através de suas lutas cotidianas, impõem à cidade um movimento de constante transformação.

A princípio, entende-se que a cidade é um lugar de prática dos sujeitos que organizam e reorganizam, inventam e reinventam o espaço onde habitam, dotando-o de uma racionalidade própria repleta de valores e práticas pelas quais reivindicam o espaço urbano, o que nos permite dizer que a cidade vai além de um espaço meramente geográfico. A cidade é constituída de fronteiras simbólicas que ordenam as categorias sociais e os grupos sociais em suas mútuas relações. Afirmativa essa calcada nas narrativas que nos propiciaram entender os deslocamentos e a vida nos alojamentos, na cidade provisória, em uma cidade com tempo marcado para existir.

Dessa forma, a cidade deixa de ser um espaço puramente geográfico, plano e homogêneo, para constituir-se em um espaço social heterogêneo, onde os diversos lugares que constituem a cidade são, na verdade, territórios dotados de uma racionalidade própria definida pela reelaboração de sua funcionalidade e dos diversos valores sociais constituídos.

As representações, as imagens idílicas, o paraíso pensado no Pantanal, é reencontrado diariamente pelos moradores da planície pantaneira que questionam a invasão do seu “paraíso” por aqueles que nele adentram sem respeito a diversidade, ao hibridismo, a miscelânea cultural ali existente. Representações que alijam o homem dos folders ou mostram apenas sua silhueta, como adorno de um crepúsculo indelével.

Trabalhar com a história das enchentes em Porto Murtinho aborda - lá em sua heterogeneidade na participação de grupos e sujeitos até então esquecidos pela história tradicional, foi um desafio que trouxe como resultado, o texto aqui apresentado.

6 – FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivos visitados para pesquisa

Arquivo da Câmara Municipal de Porto Murtinho,
Arquivo da 2ª Cia de Fronteira de Porto Murtinho
Arquivo da Marinha do Brasil de Ladário, MS
Arquivo da Secretaria de Obras de Campo Grande- AGESUL
Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Arquivo do Centro de Documentação Regional – UFGD
Arquivo do Museu Dom Aníbal Barrera – Porto Murtinho, MS.
Arquivo Público Municipal de Cáceres, MT
Arquivo Público do Estado de Mato Grosso- Cuiabá
Arquivo Público do Estado de Mato Grosso do Sul
Núcleo de Documentação – NUDHEO – UNEMAT

Relatórios

- EDIBAP. Relatório da 1ª fase - TOMO I. Resumo do Diagnóstico e Estratégias e Desenvolvimento. Ministério do Interior. Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste - SUDECO. Convenio: Governo Brasileiro - UNDP-OEA. Brasília: novembro/1979
- EDIBAP. Relatório da 1ª fase Ministério do Interior. Brasília: novembro/1979. Relatório Interno RADAMBRASIL, 36-V. Goiânia, 1983. 33p
- EMBRAPA PANTANAL. Impactos ambientais e sócio-econômicos no Pantanal. Corumbá, 1997a
- EMBRAPA PANTANAL. Impactos Ambientais e sócio-economicos no Pantanal. Corumbá, 2002.
- Ministério do Interior. Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS. 11ª DR. Campo Grande, MS. Sistema de Proteção Contra inundações da cidade de Porto Murtinho, MS. Relatório do projeto. Vol. I.
- Ministério do Interior. Departamento de Obras e Saneamento – DNOS. 11ª D.R. Campo Grande, MS. Sistema de Proteção contra Inundações da cidade de Porto Murtinho, MS. Vol II e Anexos.
- PCBAP. Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai, Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Brasília: PNMA, 1997. v.3.
- PRODEPAN – Pantanal, nova fronteira econômica - I Encontro do Programa de Desenvolvimento do Pantanal. Conferências, Proposições e Subsídios. Governo do Estado de Mato Grosso. Secretaria da Agricultura. Corumbá, 1974.
- Relatório de Supervisão de agosto a dezembro de 1982. Ministério do Interior. Departamento de Obras de Saneamento – DNOS 11ª Diretoria Regional. Biblioteca 11ª D.R nº 235-C.
- Relatório Ministério do Interior. Departamento de Obras e Saneamento – DNOS. 11ª Diretoria Regional. Biblioteca 11ª D.R nº 191.
- Relatório Preliminar de Desenvolvimento Local Integrado. Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERPHAU. Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste – SUDECO. Consultoria em Planejamento Ltda. CONSPLAN, Campinas, SP. 1970.

Imprensa - Jornais e periódicos

Arquivo Digital Veja. Ed. 562 de 13/06/1979. p. 59-60
Arquivo Digital Veja. Ed. 562 de 13/06/1979. p. 54-67; 59-60
Arquivo Digital Veja. Ed. 717 de 02/06/1982 p. 23
Arquivo Digital Veja. Ed. 1025 de 27/04/1988. p. 62,63,64

Gazeta Oficial de 04/05/1894. caixa 1- microfilme 08.05.1890 a 15.08.1895. Arquivo Publico do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

Jornal da Manhã . 08/02/1979. n. 1451 Corumbá ,MS

Jornal Diário de Corumbá. 01/05/1977 n. 2.274; 30/12/1977 n. 2404; 25/01/1979 n. 2639 Corumbá, MS

Jornal Folha da Tarde. 07/12/1973. n. 4.342; Corumbá, MS
Jornal Folha da Tarde. 14/02/1974 n. 4389; 25/04/1974 n. 4485 Corumbá, MS

Jornal *O Momento*. 04/08/1979 n. 7895; 16/08/1979. n. 7905; 03/10/1979 n. 7943; 04/10/1979 n. 7945. Corumbá, MS
Jornal *O Momento*. 31/07/1980 n. 2639. Corumbá, MS
Jornal *O Momento*. 26/08/1981. n. 8480. Corumbá, MS
Jornal *O Momento*. 16/07/1982. n 8697; 31/07/1982. n. 8182 Corumbá, MS

Fontes orais (entrevistas)

- Antonio Carlos Dias Barreto. 21/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Antonio Soria. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Artemio Sanches. 20/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Augusto Cesar Proença. 16/ Jul/08. Produção: Ilsyane R. Kmitta e Ana Julia Segatel. Corumbá, MS
- Braz Antonio Leon. 11/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Conceição Aparecida Montanheri. 21/Ago/2008. Produção de Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS.
- Elizabeth Ovelar Ayub Nantes. 21/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Firmo Luiz Fonseca. 03/Abr/2007. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Hipólito Soares de Lima. 21/Ago/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Inocêncio Ferreira. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Lidia Estefânia Ferreira Fernandes. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Luiz Augusto Miranda Codorniz. 04/Abr/2007. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Magna Sanches Correia. 10/Dez/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Marcelo Miranda Soares. 30/Set/2009. Produção Ilsyane R. Kmitta. Campo Grande, MS
- Ninfa Amada Ovelar Ayub. 21/Ago/08. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS
- Norma Meza Pereira. 20/ Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS.

Bibliografia

- A'B SÁBER, A. N. *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*. Cotia, SP. Ateliê Editorial, 2006
- ADAMOLI, J.A. A Dinâmica das inundações no Pantanal. In: I Simpósio sobre Recursos Naturais e sócio econômicos do Pantanal (EMBRAPA. CPAP. Documentos 5) Corumbá, 1984. p. 51-61
- _____. *Fitogeografia do Pantanal*. In: I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal (EMBRAPA. CPAP. Documentos 5) Corumbá MS, 1984. p. 105-106
- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 196p
- _____. *Fontes Orais. Histórias dentro da História*. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinski (org.). São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBUM Graphico do Estado de Matto- Grosso. Org. S.C. Ayala e F. Simon. Corumbá, Hamburgo, 1914.
- ALBUQUERQUE JR. D.M. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste. In: *Rev. Bras. História*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero vol.14 n.28, 1984. p.111-121
- _____. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007. 256 p.
- AMADO, J. e FERREIRA, M.M. *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AMARAL FILHO, Z. P. do. Ecologia da Savana nas regiões Amazônica e centro-oeste do Brasil. In: *Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Relatório Interno RADAMBRASIL, 36-V*. Goiânia, 1983.
- AMORIM, A. *Viagem pelo Brasil; do Rio ao Acre. Aspectos da Amazônia, do Rio a Mato Grosso*. Rio de Janeiro. 1913.
- Anuário do Oeste Brasileiro (Anuário de Corumbá, n.3, 1943)
- ARRUDA, G. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSP, 2000.
- _____. *Frutos da Terra: os trabalhadores da matte Laranjeira*. Ed. UEL. Londrina: 1997
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 202p (coleção tópicos)
- BANDUCCI Jr. A. *O significado simbólico da relação homem e natureza entre vaqueiros no Pantanal da Nhecolândia*. In: II Simpósio EMBRAPA Pantanal. Corumbá, 1984. p. 423-429
- _____. *Dando Nome aos bois. A representação simbólica do gado no Pantanal*. Texto apresentado pelo autor na disciplina Campesinatos Comparados. FFLCH/USP. s/d, 30p.
- _____. *Sociedade e Natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na "Nhecolândia"*. (Corumbá, MS). São Paulo, 1995. 200p. [Dissertação de mestrado em Antropologia Social] FFCH/USP.
- _____. *Turismo cultural e Patrimônio: A memória pantaneira no curso do rio Paraguai*. Horizontes Antropológicos, ano 9, n.20. Porto Alegre, 2003
- BARROS NETTO, J. de. *A criação empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia*. São Paulo: Resenha Tributária, 1979. 158p

- BERGIER I. et al. Cenários de Desenvolvimento Sustentável no Pantanal em Função de Tendências Hidroclimáticas. EMBRAPA. Corumbá, 2008.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- _____. Variedades de História Cultural. Trad. Alda Porto, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Hibridismo Cultural. Coleção Aldus 18. São Leopoldo/RS. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2006
- CALHEIROS. D. F. et al. *Conhecimento Empírico de uma comunidade Ribeirinha do Rio Paraguai sobre o fenômeno natural de mortandade de peixes no Pantanal*. In: Anais do II Simpósio sobre Recursos Naturais e sócio-econômicos do Pantanal – Manejo e conservação. EMBRAPA/CPAP. Corumbá, 1996. P. 457-466
- CALVINO. I. As cidades Invisíveis. . Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2003
- CANDIDO. A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001. p. 58
- CARLOS. A.F.A. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARVALHO, N de O. *Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai*. In: Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal – EMBRAPA. Corumbá MS, 1984. p. 43-49
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano; Artes de Fazer*. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. RJ. Forense, 1982.
- CHALOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *A beira da Falésia; a história entre certeza e inquietude*. Porto Alegre: EUFRGS. 2002.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COMMERCIAL ALMANACH “Mato-Grossense”. São Paulo: Albino Gonçalves & Cia, 1916. 298p
- CORRÊA FILHO, V. *Pantanais Matogrossenses (Devassamento e Ocupação)*. IBGE. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: 1946. 170p
- CORREIA, L. S. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH-USP. 1980.
- _____. História e fronteira; o Sul de Mato Grosso (1870-1920). Campo Grande: UCDB, 243p
- COSTA. Mª de F. *História de um país inexistente; o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999. 277p.
- CUNHA, L. de O. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, A.C. (org.) *A Imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000. 207p
- D'ALINCOURT, L. Memória a cerca da Fronteira da Província de Mato Grosso. Org. Cuiabá, 1826. In: *Memória sobre a viagem de Porto de Santos a cidade de Cuiabá*. São Paulo: Martins, 1953

- DIEGUES, A.C. Os ex-votos marítimos da sala de milagres da Basílica do Senhor Bom Jesus de Iguape. São Paulo. In: DIEGUES, A.C. (org.) *A Imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000. 207p
- DOMINGOS, G. L. *Pantanal da Nhecolândia: História, memória e a construção da identidade*. Dissertação de Mestrado/UFMS. Dourados, MS. 2005. p. 62-65
- DOUROJEANI, M. *Construindo o futuro do Pantanal*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2006
- DUARTE, R.H. Pássaros e cientistas no Brasil; Em busca de proteção, 1894-1938. *Latin American Research Review*, vol.41. n. 1 February 2006: 3-26
- FALCON, F. J. C. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FEBVRE, L. *O Reno: história, mitos e realidades*. Trad. De Eliana Aguiar. Apresentação de Peter Schottler – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- FERNANDES, F. A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 375p
- _____. Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões. In: *A voz e o sentido: Poesia oral em sincronia*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 147-175
- _____. História oral: um inventário das diferenças. In: *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994
- FIGUEIREDO, A. A propósito do Boi. Cuiabá: Ed. UFMT, 1994. p. 105.,
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3ª Ed. Trad. Laura F. A. Sampaio. Ed. Loyola. São Paulo: 1996
- FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: *Questões para a história do presente: CHAUVEAU, A. e TETART, P Trad. Ilka Stern Gohen*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- GADDIS, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GALDINO, S. et al. (2002). *Mudanças do regime hidrológico da bacia do Rio Taquari - Pantanal*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 24p. (Boletim de Pesquisa, 26).
- GARMS, A. Pantanal: o mito e a realidade. IV Simpósio sobre Recursos Naturais e sócio-econômicos do Pantanal. SIMPAN. Corumbá, Nov/2004.
- GARRIDO, J de A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Rev. Bras. de História*. São Paulo: v.13 n. 25/26 set.92/ago/93.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 1989. 324p.
- GODOI FILHO J.D.de. Aspectos Geológicos do Pantanal Mato-grossense e de sua área de Influência. In: *Anais do 1º Simpósio sobre recursos natural e sócio econômicos do Pantanal*. Corumbá, 1984 (EMBRAPA, CPAP. Documentos 5) p.63-76
- GUARINELLO, N. L. Festa , trabalho e cotidiano. In: *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*, vol. II. Istvan Jancsó, Iris Kantor (orgs.) São Paulo: Hucitec: Ed. da USP: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001 (Coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v. 3)
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 189p

- HOUAIS S. A. (1915-1999) e VILLAR M.de S. (1939-) Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009
- HUNT, Lynn. A nova História Cultural. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1995. 317p.
- JANOTTI, M. de L. O livro fontes históricas como fonte. In: PINSKY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- KUHLMANN, E. A vegetação de Mato Grosso.Seus reflexos na economia do Estado. In: *Rev. Bras. de Geografia*. n.1 janeiro-março, 1954
- LE GOFF, J. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In *Questões para a história do presente*: CHAUVEAU, A. e TETART, P Trad. Ilka Stern Gohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- _____. História e Memória. 4ª ed. Campinas: Edunicamp, 1996.
- LEITE, E.F. Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís. *Revista Diálogos DHI/PPH/UEM*, v. 9, n. 1, p. 167-188, 2005.
- _____. *Marchas na História; comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*. Brasília; Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003. 223p (Coleção Centro-oeste de estudos e pesquisas; 6)
- _____. Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação. *Espaço Plural*. Ano IX. n. 18. 1º sem. 2008. p. 145- 151
- _____. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009. 105
- _____. Narrativas e Imagens: A busca do passado nas palavras e nos gestos. In: *Fronteiras. Revista de História/ UFMS*. v.7 n.13 -2003 Ed.UFMS
- LEONARDI, V. P. de B. Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15, Ed. UNB, 1999. 270p
- LEON, Braz. Porto Murtinho. Nossa Terra, nossa gente, nossa história. Porto Murtinho, MS, 1999.
- _____.Porto Murtinho: Um paraíso no Pantanal sul mato-grossense. Porto Murtinho/MS. 1994
- MACIEL. L. A. A comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: Espaço, telégrafo e civilização. *Rev. Proj. Historia*. São Paulo, (18) maio 1999
- MAGALHAES, N.W de. Conheça o Pantanal. São Paulo: Terragraph, 1992
- MARTINEZ. P.H . Brasil:Desafios para uma História Ambiental. *Nômadias (Bogotá,Colômbia)*, 22 (abril 2005); 26-35.
<http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/21-25/22.htm>
- MARTINS, M.L. *História e meio ambiente*. São Paulo: Annablume. Fac. São Leopoldo, 2007.
- MATTOSO, José. *A escrita da história: teorias e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa 1998- Mc
- NEILL, J. R. Naturaleza y cultura de la História Ambiental. *Revista Nômadias* 22 (2005):12-22
<http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/21-25/22.htm>
- MEYER. M. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2008
- MICHELI , G. Natureza. In: *Enciclopédia Enauldi*. Vol. 18, 1997.

- MOLES. Apud PESSAVENTO, S. J. Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 279-290*
- MONTENEGRO, A. C. T. História Oral, caminhos e descaminhos. In: *Rev. Bras. de História: Memória, História, Historiografia.* (São Paulo), v.13 n.25/26, set/1992 ago/1993
- MONTYSUMA, M.F.F. Gênero e meio ambiente: uma invisibilidade das mulheres na construção da floresta na Amazônia. In: *História, Natureza e Território.* Ed. UNIVALE,2008.
- MORETTI. E. C. Paraíso Visível e Real Oculto. A atividade turística no Pantanal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006. 176p
- NOGUEIRA, Albana Xavier. *A linguagem do homem Pantaneiro.* São Paulo, 1989. 385p. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Mackenzie
- _____. *O que é Pantanal.* São Paulo: Brasiliense, 1990. 77p
- _____. *Pantanal: Homem e cultura.* Campo Grande: Ed. UFMS, 2002. 156p
- NORA, P. *Entre memória e História: a problemática dos lugares.* Tradução de Yara Aun Khoury. *Rev. Projeto História.* São Paulo. v.10, dez/1993
- OLIVEIRA. V. W. N de. *Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926)* Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005
- PALÁCIO. G. História tropical: a reconsiderar las nociones de espacio, tiempo y ciência. *Revista Tareas 120: Historia Ambiental Latinoamericana. Mayo-Agost 2005: 29-66. 2005.*
([http:// bibliotecavirtual.clacso.or.ar/ar/libros/panamá/cela/tareas/tar120/palácio.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.or.ar/ar/libros/panamá/cela/tareas/tar120/palácio.rtf))
- PESSAVENTO, S.J. Muito além do espaço: por uma História Cultural do urbano. In: *Rev. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.*
- _____. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, L. C. de Queiroz; PECHMAN, R. (Org.). *Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 378 (p.377-396)
- _____. *Escritas, Linguagem, objetos: leituras da História Cultural.* Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- _____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. *Rev. Bras. História,* vol. 27 n.53 p. 11-23
- _____. Indagações sobre a História Cultural. *Rev. ArtCultura.* Vol. 3, n.3. Dez/2001
- _____. *História e História Cultural.* Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2004. p. 39
- _____. História, memória e centralidade urbana. *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos* [Em línea], Debates, 2007
- _____. Memória, História e cidade: Lugares no tempo, momentos no espaço. *Rev. ArtCultura.* Uberlândia, MG. v.4, n.4, junho/2002
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos.* (Rio de Janeiro), v.5, n. 10, 1992. p. 200-215.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos.* (Rio de Janeiro), vol.2, n.3, 1989.
- PONCE, V. Impacto hidrológico e ambiental da Hidrovia Paraguai-Paraná no Pantanal Matogrossense. Um estudo de referência, 1995.
http://www.ponce.sdu.edu/hidrovia_report.html.

- PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. São Paulo. (15) abril/1997. p. 13-49
- POTT, A. *Pastagens no Pantanal*. Corumbá-MS, EMBRAPA-CPAP, 1988
- PROENÇA, A. C. *Pantanal: gente, tradição e história*. 3ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 1977
- PROENÇA, M. C. *No termo de Cuiabá*. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1958. 126p
- QUEIROZ, P. R. C. *Vias de transporte e comunicação no sul do Mato Grosso colonial: Projetos e realidades*. UFGD, 2006.
- _____. *Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo Sul de Mato Grosso (séculos XIX e XX)* Notas para discussão. UFMS/CEUD.
- RAISON. J.P. Região. In: *Enciclopédia Enaudi*. Vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- REYNALDO. N. I. *Comercio e Navegação no rio Paraguai (1870-1940)*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2004
- RESENDE, E. K. *Pulso de inundação: processo ecológico essencial à vida no Pantanal*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.
- ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade? In: *Cidade & Cidades: Modernização das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de F. Gomes (org.) UFBA/FAC. Salvador, Anpur, 1992. p. 27-29.
- ROSSETTO, O.C. “Vivendo e mudando junto com o Pantanal”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras. *IV Simpósio sobre Recursos naturais e sócio- econômicos do Pantanal*. Corumbá. Nov/2004.
- SAMUEL, R. Teatros de Memória. *Projeto História*, São Paulo (14), fev. 1997
- SCHAMA S. *Paisagem e memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 643p
- SILVA, C J da. E J. A. F. Silva. *No ritmo das águas do Pantanal*. NUPAUB/USP. São Paulo: USP, 1995. 210p
- SILVA. J. de M. *Fronteras Guaranis*. 2ª Ed. Atualização de notas de Hildebrando Campestrini. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: 2003.
- SILVA J. dos S. V. da & ABDON, M. de M. Delimitação do Pantanal e suas sub regiões. In: *Pesquisa Agropec. Brasileira*. Brasília: s.n, v.33 nr. Especial. Out/1998. p. 1703-1711
- _____. Impacto da inundação na sócio-economia da planície do baixo rio Taquari, período de 1970 a 1996. In: *Anais do I Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal – EMBRAPA*. Corumbá MS, 1984. p. 303-319
- _____. et al. *Levantamento do Desmatamento no Pantanal Brasileiro até 1990/91*. Pesquisa Agropec. Brasileira. Brasília, v.33, Nr. Especial, p.1739-1745, out. 1998b
- SILVA LEITE, M. C. *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*. 1ª edição. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 156p (Coleção Tibaré de estudos mato-grossenses: v.4)
- SILVA, Mª do C. G. *Rio Paraguai: o mar interno brasileiro; uma contribuição para o estudo dos caminhos fluviais*. São Paulo. 1999. 321p. Tese (Doutorado em História) – USP.

- SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. *Rev. Bras. História*, 2004, vol. 24 n.48, p. 331-351.
- SOUZA, L.G. de. *Retrospectiva Histórica do Pantanal*. EMBRAPA Pantanal. Corumbá, 1984. p. 199-204
- THOMAS, K. O homem e o mundo natural; mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. 3ª reimp. São Paulo; Cia das Letras, 1988. p. 454p
- TUCCI, C.E.M. Documento de apoio as ações de planejamento da ANA. In: Agência Nacional de Águas. Abril/2001.
- VALVERDE. O. Fundamentos Geográficos do Planejamento rural do município de Corumbá. *Rev. Bras. de Geografia*. (Rio de Janeiro), vol.1 n.34 p. 49-144 (jan-março 1972)
- VELOSO, M. P. Triunfo às ondas do mar: Linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro. In: PESAVENTO. S. J. (org.). *Escritas, Linguagem, objetos: leituras da História Cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- ZARRILII, A. Transformacion ecológica y precariedad econômica em uma economia marginal. El Grann Chaco Argentino, 1980-1950. *Revista THEOMAI*, n.1 (primer semestre 2000) <http://theomai.unq.edu.ar/>
- WILCOX, R.W. La ley del menor esfuerzo: El médio ambiente y la industria da ganado em Mato Grosso, Brasil 1870-1980, In: ARRUDA, Gilmar, et.al,eds. (*Natureza: Apropriações e Representações na América (Londrina- Brasil: Universidade Estadual de Londrina, 2001)*). 2001
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. Trad. José Augusto Drummond do original "Doing environmental history", extraído de Donald Woster, ed., *The ends of the Earth – perspectives on modern environmental history* (Cambridge, Cambridge University Press, 1988) p. 289-307. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4 n. 8, 1991 p. 198-215

Obras Consultadas

- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992
- _____. *Cultura popular na Idade Moderna; Europa, 1500-1800*. Trad. Denise Bottmann. 2ª ed., São Paulo: Cia das Letras, 1998. 385p.
- CAMPESTRINI. H. *História de Mato Grosso do Sul*. 6ª ed. revista e ampliada. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 2009. 367p.
- CAMPOS FILHO, L. V. *Tradição e ruptura; cultura e ambiente pantaneiros*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002. 184p
- CHAUVEAU, A. e TETART, P. *Questões para a História do presente*. In *Questões para a história do presente*: Trad. Ilka Stern Gohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CORREA FILHO, V. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994, (Col. Memórias Históricas, vol. 4) .741p.
- _____. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Brasílica, 1939, 268p.
- CROSBY, A. W. *Imperialismo Ecológico*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

- DEAN, W. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. Trad. Cid Knipel Moreira. Revisão técnica José Augusto Dumond. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FERNANDES, F. A. G. *Oralidade e literatura; manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003. 228p.
- FERREIRA, M. de M. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Osvaldo Cruz/CPDOC Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FRANÇOIS, Etienne. A Fecundidade da História Oral. In: *Uso e Abusos da História Oral*. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, Organizadoras, 5ª ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- GINZBURG, C. Sinais; raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989. 281p.
- GRUZINSKI, S. Local, global e colonial nos mundos da Monarquia católica. Aportes sobre o caso amazônico. In: *Revista Estudos Amazônicos*. Vol. II, nº 1, julho/dezembro 2007. p. 11-27
- HOLANDA, S. B. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª. Ed., São Paulo: Cia. Das Letras, 1994. 301 p.
- _____. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994. 365p.
- _____. *Raízes do Brasil*. 26ª ed, 3ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 220p.
- _____. *Monções*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LADURIE, E.L. *Montailou, povoado occitânico, 1294-1324*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LATOUR, B. *A ecologia política sem a natureza*. Trad. Maria Thereza Sampaio. *Projeto História*, São Paulo. n.23. Nov/2001. p. 31-43
- _____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Trad. Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: Edusc, 2004
- LEITE, E.F. Vendo, ouvindo e aprendendo, o saber popular na relação homem versus natureza no Pantanal sul- mato-grossense. *Rev. Territórios e Fronteiras*. UFMT, vol.3 n. 1 jan/jun 2002. p. 77-83
- ____ & FERNANDES, F. A. G. *Oralidade no Pantanal: vozes e saberes na pesquisa de campo*. In: FERNANDES, F. A. G. *Oralidade e literatura; manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003. 228p. p.45-64.
- LEVERGER, Augusto [1975]. *Vias de comunicação de Mato Grosso*. 2. ed. Fac-símile da edição de 1905. Cuiabá: UFMT, 1975
- LUCCA, Tânia Regina de. *Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinski (org.). São Paulo: Contexto, 2005.
- LUCÍDIO, J. A. B. [1993]. *Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois: a ocupação do Planalto Sul Mato Grosso, 1830-1870*. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói. 1993
- MARTINS, J. de S. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, L. M. & NOVAIS, F.A. (orgs). *História da vida privada no Brasil; contrastes da intimidade contemporânea*. 4o. vol. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 659-726.
- MONTENEGRO, A. C. T. *História Oral e Memória - a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992. 153p.

- PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004
- _____. Pensamento ilustrado e crítica da destruição florestal no Brasil colonial. *Revista Nômade* 22 (2005): 152-163.
- _____. Cultura esgotadora: Agricultura y destrucción ambiental em lãs últimas décadas Del Brasil monárquico. In: Bernardo Garcia Martínez & Maria Del Rosário Prieto (comp). *Estúdios sobre história y ambiente em América II: Norteamérica, Sudamérica, y el Pacífico*. México; El Colegio de México, 2002: 283-310.
- PESAVENTO, S. J. (org.) et al. Nação e Região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, séc. XIX) In: *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003. 245p
- SOUZA, J.C de. *Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)*. São Paulo: Alameda, 2008.
- SOUZA, L. de M. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: NOVAIS, F. (coord/org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. I São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- TAUNAY, A. d'e [1981]. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981;
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493p
- THOMPSON, P. *A voz do Passado: História Oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 3ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2002.
- VILLA, M. A. *Vida e morte no sertão; história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000. 269p